

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO  
GRANDE DO SUL - *CAMPUS FELIZ*  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR**

**CARINE VON MÜHLEN**

**A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM  
DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**

**Feliz  
2016**

**CARINE VON MÜHLEN**

**A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM  
DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar pelo curso de Especialização em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Petró

**Feliz  
2016**

**CARINE VON MÜHLEN**

**A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM  
DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Escolar pelo curso de Especialização em Gestão Escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS.

**Aprovado em** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Profª. Dra. Vanessa Petró (Orientadora)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

---

Prof. Dr. Rogério Foscheira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

---

Prof. Me. Matheus Milani

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - IFRS

*À minha família com carinho!*

*"Life depends on little things we take for granted"*

(STREEP; SCHWARTZBERG, 2013).

## RESUMO

O *Bullying* é considerado um problema mundial, pois vem se expandindo rapidamente nos últimos anos, sendo encontrado em escolas públicas e privadas. Este fenômeno pode ser considerado um retrato do novo século, onde inúmeras modificações estão ocorrendo na sociedade, como mudanças econômicas, o avanço da tecnologia, a massificação dos sistemas de educação, a dificuldade da equipe de gestão escolar e professores em lidar com esta situação, a diversidade cultural juvenil, de gênero e a perda de valores. Neste contexto, este estudo tem o objetivo verificar as estratégias adotadas pelos gestores escolares de escolas municipais e estaduais, situadas no município de Feliz/RS, na resolução das questões de *bullying* ocorridas no contexto escolar do ensino fundamental séries finais (6º ao 9º ano). Metodologicamente, foram utilizadas de forma associada a abordagem qualitativa, através de entrevistas semi-estruturadas com os gestores escolares e de grupo focal com alunos do 6º ao 9º ano, e abordagem quantitativa, através de questionário com questões fechadas aos professores do 6º a 9º ano. Os resultados mostram que ocorrem casos de violência e *bullying* nas duas escolas participantes, em situações pontuais, fato corroborado pelos alunos, professores e equipe de gestão escolar. Segundo os professores, o problema mais comum é o desrespeito por parte de um aluno. A equipe de gestão escolar e os professores sabem o que é o *bullying* e mantem-se informados principalmente através das formações pedagógicas, além disso, realizam atividades de intervenção diante dos casos e reuniões semanais para discutir o tema e pontuar os casos ocorridos, mas nenhuma das duas escolas possui projeto específico sobre o tema. No entanto, os alunos confundem o *bullying* como uma brincadeira “saudável” e consideram que colocar apelidos, trocar palavrões, gozações e piadinhas, é algo normal. Diante destas situações, a atitude tomada pelo professor é conversar com o aluno que agrediu para entender o motivo. Para os professores e alunos, a escola está preparada para intervir nos casos de *bullying*, pois a equipe de gestão escolar conversa e orienta os alunos envolvidos, comunica os pais, além de realizar registro e ata do caso, ou seja, resolve o problema sem punir os culpados.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Gestão Escolar. Ensino Fundamental Séries Finais.

## ABSTRACT

Bullying is considered a worldwide problem because it has been expanding rapidly in recent years, being found in public and private schools. This phenomenon can be considered a portrait of the new century, where innumerable modifications are occurring in society, such as economic changes, technology advancement, massification of education systems, the difficulty of the school management team and teachers in dealing with this situation, Youth cultural diversity, gender and the loss of values. In this context, this study aims to verify the strategies adopted by school administrators of municipal and state schools, located in the city of Feliz/RS, in the resolution of bullying issues occurring in the school context of elementary school (6th to 9th grade). Methodologically, the qualitative approach was used in a qualitative way, through semi-structured interviews with the school and focus group managers with students from the 6th to the 9th grade, and a quantitative approach through a questionnaire with questions closed to teachers from 6th to 9th grade. The results show that there are cases of violence and bullying in the two participating schools, in specific situations, a fact corroborated by the students, teachers and school management team. According to teachers, the most common problem is disrespect on the part of a student. The school management team and the teachers know what bullying is and keep informed mainly through the pedagogical formations. In addition, they carry out intervention activities in the weekly cases and meetings to discuss the topic and to score the cases, but none of the two schools has a specific project on the subject. However, students confuse bullying as a "healthy" joke and consider that putting nicknames, exchanging profanity, joking and joking is normal. Faced with these situations, the attitude taken by the teacher is to talk with the student who attacked to understand the reason. For teachers and students, the school is prepared to intervene in cases of bullying, as the school management team talks and guides the students involved, communicates the parents, in addition to registering and attaching the case that is, solving the problem without Punish the guilty.

**Key-words:** Bullying. School management. Elementary School Final Series.

## LISTA DE TABELAS E QUADRO

Tabela 1 – Percentagem das respostas dos questionários sobre violência escolar e <i>bullying</i> ..	44
Tabela 2 - Percentagem das respostas dos questionários sobre o <i>bullying</i> .....	47
Quadro 1 – Perfil familiar dos alunos do 6º ao 9º ano da escola estadual e municipal.....	56



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Formas de violência sofridas pelos professores .....	44
Gráfico 2 - Formas de conhecimento sobre o <i>Bullying</i> .....	46
Gráfico 3 - Informação para atuar nas situações de <i>bullying</i> .....	47
Gráfico 4 – Percentual de casos de <i>bullying</i> presenciados pelos professores em sala de aula.	48
Gráfico 5 - Formas de manifestação de <i>bullying</i> entre os alunos .....	49
Gráfico 6 - Atitude tomada pelo professor diante de casos de <i>Bullying</i> .....	50
Gráfico 7 – Como a escola resolve os casos de <i>bullying</i> .....	52
Gráfico 8 – Percentagem de professores que observam baixo rendimento escolar dos alunos que sofrem <i>bullying</i> .....	53
Gráfico 9 – Hábito familiar dos alunos da escola estadual e municipal.....	57

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1	DELIMITAÇÃO DO TEMA .....	10
1.2	OBJETIVOS .....	13
1.2.1	<b>Objetivo Geral</b> .....	<b>13</b>
1.2.2	<b>Objetivos Específicos</b> .....	<b>13</b>
1.3	JUSTIFICATIVA .....	13
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>16</b>
2.1	CULTURAS JUVENIS .....	16
2.2	VIOLÊNCIA ESCOLAR .....	19
2.3	<i>BULLYING</i> .....	21
2.3.1	<b>Definição e as formas de manifestação</b> .....	<b>21</b>
2.3.2	<b>Os envolvidos nos casos de <i>bullying</i> e suas consequências</b> .....	<b>22</b>
2.3.3	<b><i>Bullying</i> no ambiente escolar</b> .....	<b>24</b>
2.4	GESTÃO ESCOLAR E <i>BULLYING</i> .....	25
2.5	LEGISLAÇÃO <i>ANTIBULLYING</i> .....	28
<b>3</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	<b>31</b>
3.1	DELINEAMENTO DO ESTUDO .....	31
3.1.1	<b>Escolas analisadas</b> .....	<b>32</b>
3.1.2	<b>Participantes</b> .....	<b>32</b>
3.1.3	<b>Coleta de dados</b> .....	<b>33</b>
3.1.4	<b>Análise dos dados</b> .....	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>35</b>
4.1	O <i>BULLYING</i> E O PAPEL DOS GESTORES ESCOLARES .....	35
4.2	PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O <i>BULLYING</i> .....	43
4.3	<i>BULLYING</i> E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS .....	53
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>66</b>
	<b>APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM EQUIPE DE GESTÃO ESCOLAR</b> .....	<b>75</b>
	<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES</b> .....	<b>76</b>
	<b>APÊNDICE C - ROTEIRO COM GRUPO FOCAL</b> .....	<b>78</b>
	<b>APÊNDICE D - FICHA DE REUNIÃO COM GRUPO FOCAL</b> .....	<b>80</b>
	<b>ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>82</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A escola é considerada uma organização social, onde a sociedade é parte integrante do processo, comprometida na transmissão de valores sociais e na contribuição da formação dos alunos, através de experiências de aprendizagem e ambiente educacional, baseados nos fundamentos, princípios e objetivos da educação (LÜCK, 2009). Bem como, “articulando a construção dos estados nacionais, de uma cidadania e cultura comum a todos” (CANDAU, 2012a, p. 183), abarcando a diversidade cultural juvenil, representada pela identidade dos educandos e trazida por eles mesmos, para dentro da sala de aula (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011). Conforme Lück: “O seu ambiente é considerado de vital importância para o desenvolvimento de aprendizagens significativas que possibilitem aos alunos conhecerem o mundo e conhecerem-se no mundo, como condição para o desenvolvimento de sua capacidade de atuação cidadã” (LÜCK, 2009, p. 20).

Contudo, Dayrell (2007) enfatiza o impasse atual existente entre a educação juvenil e sua relação com a escola. “Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe” (DAYRELL, 2007, p.1106). Ou seja, do ponto de vista da escola, a cultura juvenil dos jovens está provocando o individualismo, irresponsabilidade e desinteresse pelo estudo. Para os jovens, a escola não atende mais aos seus interesses e os professores pouco acrescentam à sua formação, tornando-se assim, uma “obrigação” para os jovens, devido à necessidade do diploma (DAYRELL, 2007).

Neste contexto, o ambiente escolar que deveria estar preparado para receber o aluno, baseado na cultura juvenil atual e proporcionar um local agradável de ensino, discussões e reflexões, vem sendo palco de atitudes de violência, direcionadas a professores, funcionários e alunos, ficando evidente, dessa forma, a violência escolar, através de agressões verbais, físicas e da prática do *bullying* (LEÃO, 2010).

O *bullying* é “um problema social, pois sua ocorrência social é muito grande” (SALGADO, 2010, p. 5), sendo definido como,

[...] todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder sendo incapaz de se defender (LOPES NETO, 2005 p.165).

Segundo Lopes Neto e Saavedra (2003), existem dois tipos de ações de *bullying*. Ações diretas, caracterizadas por atos físicos (bater, chutar, tomar pertences) e ações indiretas ou emocionais, relacionadas com a disseminação de histórias desagradáveis, indecentes ou pressões sobre outro para o sujeito ser discriminado e excluído de seu grupo social.

Baseado nos estudos de Guimarães (1996), Sposito (2001), Chrispino e Chrispino (2002), pode-se afirmar que a violência escolar está ocasionando grandes mudanças educacionais no contexto escolar, devido às diferentes formas de pensar e agir dos alunos, à intolerância e à dificuldade no convívio com diferentes padrões culturais.

A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (IBGE, 2009) mostrou, de fato, que a prática do *bullying* foi a forma de violência escolar mais prevalente: 25,4% dos alunos relataram ter sofrido alguma forma de agressão nos trinta dias anteriores à pesquisa e 12,9% se envolveram em alguma forma de briga pontual com agressão física no mesmo período. As capitais com maiores índices de casos de *bullying*, nos últimos 30 dias, segundo a pesquisa, foram o Distrito Federal (35,6%), Belo Horizonte (35,3%) e Curitiba (35,2 %).

Diante desse cenário, foi aprovada a lei federal contra o *Bullying* (Lei N° 13.185 de 06.11.2015), pois é possível evidenciar que os atos violentos e os casos de *bullying* no ambiente escolar estão relacionados diretamente com os modelos educacionais e com a formação pedagógica desatualizada dos profissionais, onde a cultura juvenil não é considerada pela escola, ocorrendo frustração por parte dos professores e alunos. Dayrell (2007, p. 1107) reforça que,

[...] as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, que afetam diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços.

Para Paula e Nunes (2012), é necessário que os gestores escolares e professores parem de ignorar os acontecimentos que vão muito além dos muros da escola e entendam a importância de se estudar o tema, e acima de tudo, estejam conscientes de seus efeitos na aprendizagem, rendimento escolar dos alunos e na sua relação social no âmbito escolar.

Pouco se sabe a respeito deste tema, principalmente no que se refere a sua detecção no ambiente escolar, pois é facilmente confundido como indisciplina ou brincadeiras típicas da idade (PAULA, NUNES, 2012). Contudo, é necessário o professor identificar situações de *bullying* e juntamente com os gestores escolares, fazer o uso de suas atribuições e da legislação cabível, como facilitador e intermediador, auxiliando os alunos alvos desta prática, evitando desta forma o isolamento social, baixo rendimento escolar e problemas na

aprendizagem, além de investigar como os gestores escolares e os professores se colocam diante dessas questões.

No referencial teórico desta pesquisa, é abordado inicialmente o conceito de cultura do ponto de vista dos teóricos Tylor (1871); Thompson (1999); Laraia (2001) e Tondato (2004), além da questão da pluralidade de culturas juvenis presente na sociedade atual, onde um indivíduo pode pertencer a uma ou várias culturas diferentes, conforme destacam Cuche (1999) e Dayrell (2007).

Neste contexto, os autores Sposito (2001), Charlot (2002), Lopes Neto (2005), Fante (2003), Rolim (2008), Chrispino e Chrispino (2002), Salgado (2010), entre outros, articulam a pluralidade de culturas ao aumento de casos de violência e *bullying* no âmbito escolar, seguido de manifestações de preconceito, discriminação, homofobia, intolerância a indivíduos do mesmo grupo social e aquele considerado “diferente” pelos jovens (Candau (2012); Silva (2010); Ifagner (2014)).

Sob esta lógica, é abordado o conceito de *bullying*, as formas de manifestação, os envolvidos nos casos de *bullying* e suas consequências. E por fim, o conceito de gestão escolar (Ferreira (2013); Libâneo (2003); Lück (2009)) e seu papel diante das questões de violência e *bullying* escolar (Francisco, Libório (2009)), pois a cultura é fator determinante no trabalho do gestor escolar, porque envolvem valores, crenças, histórias, experiências trazidas pelos alunos para dentro da sala de aula, e a escola tem dificuldade em lidar com essa pluralidade e com a diferença.

Neste sentido, para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizadas de forma associada as abordagens qualitativa e quantitativa para ampliar a gama de dados disponíveis. Na abordagem qualitativa, a coleta de dados procedeu-se a partir de entrevistas semi-estruturadas com os gestores escolares das duas escolas (estadual e municipal) e de grupo focal com pequenos grupos de alunos do 6º ao 9º ano. Na abordagem quantitativa, foi aplicado questionário aos professores do 6º a 9º ano.

O problema de pesquisa a ser abordado nesta monografia é assim apresentado: Quais são as estratégias adotadas pelas equipes da gestão escolar de escolas municipais e estaduais do município de Feliz/RS, no auxílio e na resolução das questões de *bullying* ocorridas no âmbito escolar do ensino fundamental séries finais (6º ao 9º ano)?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Verificar as estratégias adotadas pelos gestores escolares de escolas municipais e estaduais, situadas no município de Feliz/RS, na resolução das questões de *bullying* ocorridas no contexto escolar do ensino fundamental Séries Finais (6º ao 9º ano).

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar o desenvolvimento de projetos escolares relacionados ao tema *bullying*;
- b) Identificar casos de *bullying* entre alunos do ensino fundamental séries finais em escolas municipais e estaduais, no município de Feliz/RS;
- c) Destacar a percepção dos gestores escolares sobre as causas da prática do *bullying* no contexto escolar;
- d) Verificar em que situações ocorrem o *bullying* e as formas mais recorrentes;
- e) Destacar as percepções dos gestores escolares e professores sobre as implicações decorrentes do *bullying* no contexto escolar e no processo de aprendizagem;
- f) Destacar a percepção sobre a prática e as concepções dos alunos sobre o *bullying* no contexto escolar.

## 1.3 JUSTIFICATIVA

O *bullying* existe em todas as escolas privadas ou públicas, sendo considerado um problema mundial e vem se expandindo rapidamente nos últimos anos (FREIRE, AIRES, 2012). Fante (2005) salienta a importância em detectar os casos de *bullying* no contexto escolar, pois as vítimas sofrem quietas e caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se assim reféns da emoção, como medo, raiva, pensamentos de vingança, fobias sociais, baixo rendimento escolar e reprovação.

Segundo Carreira (2005), o gestor escolar e o professor, que são os sujeitos envolvidos diretamente na ação educativa e que podem atingir todos os atores do cenário escolar, não têm conseguido lidar com esta questão, devido ao despreparo e falta de conhecimento acerca do assunto. Muitas vezes o *bullying* é confundido com indisciplina ou brincadeiras típicas da idade, pois é difícil de ser detectado (PAULA, NUNES, 2012).

Devido ao elevado índice de casos de violência escolar, foi aprovada a lei federal contra o *Bullying* (Lei 13.185 de 06.11.2015), e o tema tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, como Lopes Neto e Saavedra (2003), Constantini (2004), Fante (2003, 2005), Freire e Aires (2012), Menegotto *et al.* (2013), Sampaio *et al.* (2015), Zequinão *et al.* (2016), entre outros. A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescentes (ABRAPIA, 2005; LOPES NETO, 2005), realizou uma pesquisa com 5.875 estudantes do Rio de Janeiro, de 5ª a 8ª séries de onze escolas fluminenses, através de entrevistas presenciais, detectando que 40,5% dos estudantes estão envolvidos diretamente com atos de *bullying*.

Em outro estudo, Carreira (2005) analisou a violência em duas escolas do Distrito Federal, uma privada e outra pública, através de questionário e entrevistas, detectando com maior recorrência, atos de agressão verbal e *bullying*. Gisi (2010) coordenou uma pesquisa em Curitiba/PR, com 366 crianças de escolas públicas, com idade entre de 10 a 12 anos, evidenciando que 49% das crianças já haviam sofrido *bullying*.

Segundo, Pereira (2009), a partir de 1990 o termo *bullying* começou a ser discutido no Brasil, e somente em 2005 o tema apareceu nos estudos e artigos científicos de pesquisadores brasileiros, sendo que o fenômeno começou a ser estudado na Suécia em 1970, com os trabalhos de pesquisa do professor de psicologia Dr. Dan Olweus (LOPES NETO, 2005).

Conforme Chrispino e Chrispino (2002), o novo século está trazendo modificações marcantes na sociedade, como mudanças econômicas, o avanço da tecnologia, a massificação dos sistemas de educação, a diversidade cultural juvenil, de gênero e a perda de valores.

Neste contexto, o perfil dos gestores escolares e dos educadores precisa passar por uma transformação de pensamento, que acompanhe as necessidades dos jovens na atualidade (LEÃO, 2011). Ou seja, reconhecer o jovem existente no aluno, suas trajetórias juvenis, práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, com os amigos e com o lazer, para compreender os sentidos, motivações, atitudes e práticas que se desenvolvem na sua inserção nos processos educativos (LEÃO, 2011). Francisco e Libório (2009) enfatizam que o interesse pelo *bullying* no Brasil é recente, sendo necessários esforços para a compreensão do tema, além de propor intervenções mais articuladas com a realidade do país.

Questões como o *bullying* apresentam relevância no atual quadro educacional, para que gestores escolares e professores possam identificar e auxiliar seus alunos e proporcionar um ensino de qualidade, voltado ao bem estar do educando, almejando inserir o jovem na sociedade e no mercado de trabalho, com valores éticos e morais, abarcando as questões

culturais dos jovens, para uma convivência democrática e solidária no ambiente escolar e na vida social.

Diante desta situação, esta pesquisa é de suma importância, pois objetiva contribuir para que a equipe de gestão escolar e professores conheçam melhor essa problemática e as consequências dela na sua prática docente e os efeitos do *bullying* na vida de seus alunos. Dourado (2013, p. 110) é bem enfático quando salienta a importância dos gestores escolares e professores “relativizar o papel da escola, por meio da problematização da relação entre a sociedade e escola [...]” devido à reprodução das relações socioculturais atuais.

Para além disso, este estudo pode contribuir para estimular os profissionais a desempenharem seu papel e terem comprometimento frente a estas questões e para que abordem efetivamente o tema no contexto escolar, através da identificação de situações de *bullying* no ambiente escolar, intervindo com discussões e reflexões sobre o tema com todos os alunos, relacionando à atual mudança de cultura juvenil.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CULTURAS JUVENIS

O conceito de cultura na visão antropológica foi definido pelo britânico Edward Burnett Tylor (1832-1917), como: "[...] um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (TYLOR, 1871, p.1 *apud* CUCHE, 1999, p. 35; LARAIA, 2001, p. 25).

Thompson (1999) defende a ideia de cultura do ponto de vista simbólico dos fenômenos culturais, na qual estes fenômenos estão inseridos em contextos sociais estruturados. Porém, do ponto de vista ideológico, cultura não representa um padrão concreto de comportamentos, mas um conjunto de mecanismos de controle comportamental onde o homem é totalmente dependente dos seus comportamentos (TONDATO, 2004).

A cultura é considerada um elemento primordial que dá unidade a uma sociedade, criada com base nas relações que fazem sentido nesse contexto (CESNIK, BELTRAME, 2005), através de uma pluralidade de culturas, onde um indivíduo não pertence a uma única cultura, mas a várias culturas diferentes (CUCHE, 1999). Proporcionando “práticas, representações, símbolos e rituais no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre tendo-os como referência” (DAYRELL, 2007, p. 5-6).

Assim sendo, a diversidade cultural proporciona uma juventude dinâmica, que se transforma à medida que as mutações sociais vêm ocorrendo ao longo da história e não se reduz a uma faixa etária em específico, mas é socialmente construída e ganha contornos próprios, marcada pela diversidade nas condições sociais (origem de classe), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e até mesmo geográficas onde se inserem (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011). Os autores destacam que esses jovens tendem a se tornarem mais independentes da opinião e do parecer dos adultos com os quais interagem e conseqüentemente ocorre a redução do entendimento com as gerações adultas, interferindo na relação com as instituições escolares, no trabalho, na família e na falta de socialização (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011).

Por conseguinte, as “diferentes manifestações de preconceito, discriminação, diversas formas de violência física, simbólica, *bullying*, homofobia, intolerância religiosa, estereótipos de gênero, exclusão de pessoas deficientes, na sociedade e no cotidiano das escolas”

(CANDAU, 2012, p. 236) são considerados o reflexo e o retrato dessa sociedade atual, onde as práticas de outros sistemas culturais e do próprio sistema cultural são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais (LARAIA, 2001), ocorrendo uma “tendência a naturalização da relação normais/incluídos e anormais/excluídos” (CANDAU, 2012a, p. 185), pelos jovens.

Silva (2011, p. 3) destaca “que somos identificados pela diferença e, no entanto, parece que não sabemos lidar com ela”. “Na visão que se tem do outro, do diferente, quase sempre prevalece a idéia de afastamento, de distanciamento e da separação do desconhecido” (IFAGNER, 2014, p. 9). Ainda, segundo Candau (2012, p. 236), “a afirmação das diferenças – étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – manifesta-se de modos plurais, assumindo diversas expressões e linguagens”. Portanto, “as problemáticas são múltiplas, visibilizadas especialmente pelos movimentos sociais que denunciam injustiças, desigualdades, intolerâncias e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural” (CANDAU, 2012, p. 236).

Nesse sentido, a juventude absorve os conflitos sociais e os exterioriza em seus grupos, podendo penitenciar um grupo social e atrapalhar seu desenvolvimento (DIÓGENES, 1999). Pois “revelam no cotidiano as contradições, os impasses e os antagonismos nas relações com os próprios pares e com os demais segmentos sociais, tornando visível, como um *iceberg*, a complexidade da sociedade contemporânea” (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 12), e as novas expressões da desigualdade e conflitos sociais (URRESTI, 2011; DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011).

Laraia salienta que tal comportamento pode ser explicado parcialmente devido,

[...] nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante, dos que pertencem a outro grupo e até mesmo dentro de uma sociedade (LARAIA, 2001, p. 35).

E para além disso, os “comportamentos etnocêntricos resultam em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes” (LARAIA, 2001, p. 35), acarretando em inúmeros casos de intolerância contra o próximo e muitas vezes “utilizadas para justificar a violência praticada contra os outros” (LARAIA, 2001, p. 18). Fato corroborado por Ifagner (2014, p. 9), no qual a autora destaca que “a intolerância, a não aceitação do outro, por ser ele diferente do que se considera adequado, faz com que ocorram agressões físicas e psicológicas”. Para Salgado (2010), o *bullying* é um problema social em que a intolerância ao outro está presente, sendo apresentado através da dificuldade de aceitação do “outro”, gerando ódio, repressão, perseguições e extirpação de direitos.

Contudo, esta diversidade de culturas (a proliferação de formas e de estilos que fragmentam o espaço cultural) em constante transformação e reconfiguração, exige do indivíduo, enquanto parte integrante da sociedade, respeito e tolerância juvenil em relação às culturas consideradas “diferentes” ao seu ponto de vista ou a partir do seu próprio contexto social (CUCHE, 1999). Cada sistema cultural está sempre em mudança, por isso, Laraia (2001, p. 52), destaca a importância de:

[...] entender esta dinâmica cultural para evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo do porvir.

Atualmente, o maior desafio no contexto escolar, é reconhecer a diversidade cultural como elemento inseparável da identidade de seus educandos, importantes na superação de qualquer tipo de preconceito e na valorização das especificidades dos grupos que compõem sua escola, seus vínculos afetivos e a sociedade (RIBEIRO, SANTOS, PAIVA, 2014).

De acordo com Paula, Nunes (2012), a escola passou por modificações no que se refere ao atendimento de seus alunos e na sua estruturação. A massificação do ensino, marcada pelo amplo acesso à educação, trouxe mudanças significativas aos sistemas escolares e às escolas. Ou seja, permitiu um maior número de alunos no ambiente escolar, desde jovens das camadas populares, negros e trabalhadores, cada um com ideias, valores, culturas e vivências diferentes (CHRISPINO, CHRISPINO, 2002; DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011; DAYRELL, 2012).

Toda essa diversidade cultural trazida pelos jovens para dentro da sala de aula, associada à falta de competência e conhecimento dos professores e gestores em lidar com essa situação, contribui para casos de intolerância, discriminação e *bullying* contra colegas de forma mais explícita, pois “muitas vezes, a instituição escolar não consegue dialogar com esses alunos” (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011, p. 104).

Entretanto, os professores e as instituições, antes preparados para lidar com as estruturas de ensino baseadas na transmissão de conteúdos, no controle disciplinar rígido com medidas punitivas e coercitivas, encontram-se despreparados e confrontados com o novo perfil de alunos, com outras culturas, experiências e práticas sociais no âmbito escolar (DAYRELL, MOREIRA, STENGEL, 2011). Dayrell (2007, p. 1117) salienta que “a escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a

diversidade, seja étnica, de gênero ou de orientação sexual, entre outras expressões, com a qual a condição juvenil se apresenta”.

Dessa forma, a violência escolar e o *bullying* são consequências dos diversos conflitos sociais ocorridos ao longo dos anos e não podem ser compreendidos fora desta dinâmica e dos fatores políticos, econômicos, culturais, sociais e familiares, na qual os jovens estão inseridos (SILVA, PEREIRA, 2008).

## 2.2 VIOLÊNCIA ESCOLAR

Os conflitos e tensões em sala de aula são considerados comuns, devido às relações sociais, diferenças de interesses, desejos e valores, ou seja, devido à diversidade cultural existente. As diversas manifestações de violência vêm se destacando nos noticiários de jornais e televisão, afetando professores, funcionários e alunos nas diversas faixas etárias, causando preocupação a toda a sociedade (CASTIGLIONI, 2011; FREIRE, AIRES, 2012).

Conforme Fante (2005, p. 157), a violência escolar é considerada “todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana”. Todavia, existe certa dificuldade em delimitar-se e definir questões relativas aos atos violentos nas escolas porque a temática contradiz representações sociais e valores (CHARLOT, 2002). Segundo Abramovay *et al.* (2002, p.93), os atos de violência escolar podem ocorrer em três níveis conceituais:

**Violência** (golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos); **incivilidades** (humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito); **violência simbólica ou institucional** (falta de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os jovens no mercado de trabalho; a violência na relação de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos) (grifo do autor).

Sposito (2001) complementa, destacando que na escola a violência escolar pode ocorrer de duas formas: a primeira proveniente de causas internas (ocorrência de práticas escolares inadequadas na e pela escola, onde as formas de atuação estariam propiciando o aparecimento e manutenção da violência) e a segunda reflete a violência da sociedade contemporânea, através das representações da violência social dentro dos muros da escola.

À vista disso, a violência na escola não pode ser considerada um fenômeno novo, mas, ela assume formas novas. Segundo Charlot (2002, p. 432 – 433),

[...] surgiram formas de violência muito mais grave que outrora: homicídios, estupro e agressões com armas. É certo que são fatos que continuam muito raros, mas dão a impressão de que não há mais limite algum, que, daqui por diante, tudo pode

acontecer na escola... e os jovens envolvidos nos fatos de violência são cada vez mais jovens. Há um aumento do número de intrusões externas na escola: com a entrada nos estabelecimentos escolares, até mesmo nas próprias salas-de- aula, de bandos de jovens que vêm acertar, na escola, contas das disputas nascidas no bairro. Os docentes e o pessoal administrativo da escola, nos bairros problemáticos, são, às vezes, objeto de atos repetidos, que não são violências em si mesmos, mas cuja acumulação produz estado de sobressalto, de ameaça permanente [...]

Partindo do pressuposto anterior, a violência no ambiente escolar pode ser seguida por manifestações de comportamentos agressivos, que vai desde conflitos interpessoais explícitos ou implícitos até danos ao patrimônio escolar no interior ou entorno da escola e atos criminosos (MUNOZ; 2011). Fante (2005) salienta que somente os atos de indisciplina estão previstos no Regimento Interno Escolar, pois são considerados comportamentos contra as normas da escola, e os atos de violência, que acontecem com mais frequência, dificilmente são identificados e registrados. Segundo Lopes Neto (2005, p.165), a violência escolar “é provavelmente o tipo mais frequente e visível da violência juvenil”.

Lopes Neto (2011, p.21) enfatiza que:

A forma mais frequente de violência contra crianças e adolescentes é a que ocorre entre eles próprios, conhecida como *bullying*. Trata-se do conjunto de comportamentos agressivos e repetitivos de opressão, tirania, agressão e dominação de uma pessoa ou grupos sobre outra pessoa ou grupos, subjugados pela força dos primeiros.

Esta forma de violência é detectada com recorrência entre os alunos no ambiente escolar, e vai desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, nas escolas estaduais, municipais e privadas de todo o mundo, através da troca de agressões físicas e verbais entre e contra alunos, professores e funcionários (FREIRE, AIRES, 2012).

Entretanto, é importante destacar que os conflitos têm causas, mas o *bullying* não tem, ou seja, todo *bullying* praticado em uma escola é uma forma de violência escolar, mas nem toda violência escolar é *bullying* (FANTE, 2005). Almeida (2008) lembra que o *bullying* vai além de uma simples brincadeira, pois se verificam sinais de prazer e diversão por parte do agressor, envolvendo atitudes de intimidação, controle e domínio intencional e repetitivo contra uma vítima incapaz de se defender. Para Rolim, (2008, p. 18)

“as práticas de *bullying* constituem de forma particular, específica, de manifestação da violência, marcada pela intencionalidade do autor em produzir sofrimento, pela repetição das agressões (sejam elas físicas, verbais ou de conduta excludente) e, em regra, pelo desequilíbrio de poder entre agressor e vítima”.

Sendo assim, a violência escolar não pode ser analisada de forma simplificada, pois não é, e nem deve ser considerada um problema só da escola, mas de toda a sociedade, considerando o contexto social, econômico e cultural, na qual o indivíduo está inserido e requer uma reflexão sobre essas transformações sociais e sobre como as relações estão sendo

constituídas (FREIRE, AIRES, 2012). Esta constatação foi corroborada com a pesquisa de Abramovay e Rua (2002), na qual as autoras identificaram a associação dos atos de violência a fatores de gênero, idade, etnia, família, insatisfação e frustração com as instituições de ensino e a gestão pública, além de exclusão social, exercício do poder e relação com o ambiente externo, ou seja, ambiente onde está inserida a escola, suas imediações, seu contexto e sua localização.

A psiquiatra e escritora Ana Beatriz Barbosa Silva, enfatiza a necessidade dos pais, professores e equipe de gestão escolar, estarem atentas ao dia a dia das crianças no ambiente escolar e em casa, para distinguirem brincadeiras normais (onde todos se divertem) entre crianças e adolescentes, dos verdadeiros atos de violência, onde somente alguns se divertem à custa de outros que sofrem calados (SILVA, 2010).

Portanto, é importante analisar e compreender o ser humano nos diferentes contextos sociais, familiares e escolares, inclusive suas características individuais (de personalidade e de temperamento), para desta forma, poder-se pensar e entender o fenômeno *bullying* recorrente no ambiente escolar, pois ambos os contextos exercem influências no desenvolvimento de comportamentos agressivos entre crianças e jovens (FREIRE, AIRES, 2012).

## 2.3 BULLYING

### 2.3.1 Definição e as formas de manifestação

A palavra *Bullying* é originária do inglês, onde *bully* significa “valentão e tirano”, se caracteriza por atos repetidos de opressão, agressão e dominação (LOPES NETO, 2005), e tem como objetivo uma pessoa em específico. Fante (2005, p. 27), salienta “o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão”.

Conceitualmente *bullying* é considerado:

[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying* (FANTE, 2005, p. 28 - 29).

Além disso, o *bullying* se manifesta através de atos de violência ou agressões físicas (bater, chutar, beliscar), psicológicas (intimidar, ameaçar, perseguir), verbal (apelidar, xingar, zoar, insultar), moral (difamar, caluniar, discriminar), social (ignorar, isolar e excluir), sexual

(abusar, assediar, insinuar), material (furtar, roubar, destroçar pertences) ou virtual (zoar, discriminar, difamar, por meio da *internet*), de forma intencional, sistemática, repetitiva ao longo do tempo e sem motivação específica, contra uma ou mais vítimas, dentro de uma relação desigual de poder, causando dor e angústia (FANTE, 2005; OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA, 2008).

Vale ressaltar que os casos de *bullying* podem ocorrer de diversas maneiras, contudo, todas elas têm o mesmo efeito: ridicularizar, humilhar e intimidar suas vítimas, de forma intencional e repetitiva. Além do mais, pode envolver comentários racistas, homofóbicos, de diferenças religiosas, físicas, econômico-sociais, culturais, morais e políticas. Como exemplo, podemos citar: o *bullying* nas escolas; homofóbico; doméstico; racista; antissemitista; *cyberbullying* e trotes universitários (ROLIM, 2008).

Salgado (2010, p. 3) destaca em seu artigo, que o

[...] *bullying* decorre de uma não aceitação da existência de um outro diferente. Por isso, o buller pratica as ações de inferiorização buscando evidenciar os estigmas daquele que é diferente. Os estigmas evidenciados podem ser os mais diversos, porém, todos eles são construções de inferiorização respaldadas socialmente. Qualquer característica que possa ser um estigma social é colocada em evidência: ser negro, ser gordo, ter um defeito físico, ter cabelo crespo, ter dificuldade para aprender, ser estranho, ser feio.

### 2.3.2 Os envolvidos nos casos de *bullying* e suas consequências

Nas manifestações dos casos de *bullying*, os envolvidos são o agressor, a vítima e o espectador (LOPES NETO, 2005), onde está “presente uma coletividade, ou seja, um grupo ou grupos de pessoas que legitimam ou incentivam as ações de um indivíduo que pratica o *bullying*” (SALGADO, 2010, p. 5). Uma característica peculiar do *bullying* é a proximidade entre o alvo (a vítima) e o autor (o agressor), pois geralmente estudam na mesma sala ou moram no mesmo bairro (FANTE, 2005), principalmente devido,

[...] a aceitação da prática por parte de pessoas que não estão diretamente envolvidas, como alunos, trabalhadores da escola e família, atuando como espectadores. A conduta geralmente passiva dessas pessoas pode denotar tanto uma aceitação, quanto uma postura de tentativa de não envolvimento. (SALGADO, 2010, p. 5).

O agressor é o autor do *bullying*, aquele que implica com os outros alunos mais fracos, agredindo-os ou provocando situações desagradáveis sem motivo (BOULTON, SMITH, 1994). Segundo Harris e Petrie (2002), o agressor geralmente é bem popular, impulsivo, mais alto, forte, agressivo, não cooperativo, apresentando baixa resistência às frustrações e mais propenso à evasão escolar. Lopes Neto (2005) enfatiza que na maioria das vezes, o agressor procura a realização da sua afirmação de poder interpessoal por meio da

agressão contra outros alunos mais fracos, onde os autores do *bullying* costumam agir para demonstrar poder e conseguir uma afiliação junto a outros colegas (MARTINS, 2005).

A vítima é aquele aluno agredido frequentemente pelos colegas e que não consegue cessar ou reagir aos ataques ou agressões (LOPES NETO, 2005). Para Cantini (2004) e Lopes Neto (2005), a vítima é pouco sociável, insegura, passiva e retraída, além de possuir baixa auto-estima e poucos amigos, por isso, mais propensa ao *bullying*, devido suas características físicas (sintomas psicossomáticos), comportamentais e emocionais (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade).

O espectador é aquele aluno que não sofre e nem pratica, somente presencia e concorda com os casos de *bullying*, servindo de público. No papel de espectador, presenciavam-se alunos que incentivam a prática de *bullying* e outros que não aprovam, e neste caso prevalece o sentimento de insegurança e impotência para contestar o *bullying*, por isso se calam por medo de retaliações (FANTE, 2005; SALGADO, 2010). De acordo com Lopes Neto (2005), este aluno pode atuar como auxiliar, pois participa ativamente da agressão, incentivando e estimulando o agressor, ou defensor, através da proteção da vítima, mediante ou não a intervenção de um adulto. Além dos alunos, os funcionários e professores das escolas podem desempenhar o papel de espectador no ambiente escolar, pois pressupõe a aceitação da prática de *bullying*, apresentando-se na postura de omissão e não interferência nas relações entre os alunos e nos casos de agressão (SALGADO, 2010).

Portanto, é importante destacar que a instituição escolar, através de suas práticas disciplinares controladoras e seu sistema de ensino excludente, produz práticas de violência e *bullying* contra seus alunos, tornando-se palco do aprendizado da violência por meio de práticas que não refletem o mundo próximo e conhecido dos alunos, ao humilhá-los pelo não saber e pelas origens populares, ao excluir o diálogo e a compreensão das relações sociais (ADORNO, 1991). Sposito (1998) enfatiza que quando a escola e os professores negam certas incivildades e abusos no cotidiano escolar, como formas de violências e *bullying*, estão ignorando e perdendo uma oportunidade pedagógica de formar pessoas dentro de um contexto voltado para a cultura de paz e solidariedade.

Neste contexto, o *bullying* representa um impacto negativo na auto-estima dos alunos envolvidos, pois a vítima pode apresentar desinteresse escolar, déficit de concentração e aprendizagem, problemas de evasão escolar, além da queda do sistema imunológico, estresse, isolamento, autoflagelação e nos casos mais graves, suicídio (BANDEIRA, HUTZ, 2010).

O agressor pode adotar comportamentos de risco, atitudes criminosas ou delinquentes, tornando-se um adulto violento. Na escola, apresenta distanciamento dos objetivos escolares e



supervalorização na obtenção de poder. Já o espectador, neste caso o aluno, carrega o sentimento de insegurança e ansiedade, comprometendo a sua aprendizagem e a socialização com os autores da prática (ALLIPRANDINI, SODRÉ, 2014) e na escola, a falta de punição e o medo em denunciar a prática do *bullying*, não desejada no âmbito escolar, indica de certa forma seu incentivo, devido à omissão (negligência) dos casos pelas pessoas (professores e funcionários) que deveriam cuidar dos alunos que estão sob sua responsabilidade (SALGADO, 2010).

Tognetta e Vinha (2010) afirmam que todos os envolvidos sofrem, as vítimas sofrem deterioração da sua auto-estima e do conceito que tem de si, contudo, por outro lado, os agressores precisam de auxílio, pois também sofrem deterioração de seus valores, desenvolvimento afetivo e moral.

### **2.3.3 *Bullying* no ambiente escolar**

Nas escolas, este fenômeno ainda é considerado muito complexo, pois é facilmente confundido com agressão, indisciplina ou brincadeiras típicas da idade (LOPES NETO, 2005). Por isso, os casos de *bullying* vêm sendo cada vez mais frequente no ambiente escolar, além de muitas instituições não quererem admitir tal ocorrência, provavelmente por falta de conhecimento acerca do assunto ou por medo, insegurança, negação em enfrentá-lo e a dificuldade na relação aluno-professor (MONTEIRO, 2008).

Analisando os casos de *bullying* entre alunos do ensino fundamental, por meio de questionários, Pinheiro e Williams (2009) e Tortorelli *et al.* (2010), relevam a associação direta da violência intrafamiliar, com o envolvimento nos casos de *bullying* escolar, geralmente no papel de alvo ou agressor. Segundo Nogueira (2005), o *bullying* pode ocorrer em qualquer faixa etária e nível de escolaridade, porém a maior incidência é entre alunos que cursam do 6º ao 9º ano e jovens de 10 a 15 anos de idade, onde a maioria dos agressores são meninos e as agressões praticadas com mais frequência são as verbais (MOURA, CRUZ, QUEVEDO, 2011; DIORIO, OLIVEIRA, 2011; GOMES, REZENDE, 2011). Lopes Neto (2005); Calbo *et al.* (2009); Kuhn, Lyra e Tosi (2011), destacam que meninos estão mais envolvidos com o *bullying* direto ou agressões físicas e as meninas com o *bullying* indireto ou agressões mais sutis, de forma verbal.

Muitos são os estudos que focam essa forma de violência nas escolas entre os alunos, conforme citado anteriormente, todavia, a falta de conhecimento e entendimento dos professores e gestores escolares sobre o assunto é verificada nas pesquisas de Campos e Jorge

(2010); Lima *et al.* (2011), nas quais os autores destacam que 83% dos profissionais já ouviram falar em *bullying* e 97,03% relataram a necessidade de prevenção e reconhecem a dificuldade na identificação do *bullying*. Contudo, Toro *et al.* (2010) detectaram junto com os docentes, vice-diretora e supervisora pedagógica, que a propagação do fenômeno, se deve à forma como se estabelecem os vínculos professor-aluno-escola, fato corroborado pelo estudo de Tognetta e Vinha (2010) com alunos do ensino fundamental. Os autores concluíram haver uma lacuna na relação professor e escola, nas formas utilizadas pelos educadores para intervir nos conflitos cotidianos e no pensamento dos profissionais sobre a formação moral dos alunos.

#### 2.4 GESTÃO ESCOLAR E *BULLYING*

A gestão escolar é entendida como uma coordenação ou direção de uma prática pedagógica e administrativa com plano de ação específico e políticas norteadoras do processo educacional (FERREIRA, 2013), que exerce influência significativa na formação e na aprendizagem de professores e alunos (LIBÂNEO, 2004). Sua atuação é centrada na educação, com objetivos voltados para articulação de todas as condições materiais e humanas dos alunos, consideradas fundamentais para o avanço dos processos socioeducacionais e a transformação socioeconômico-cultural de formação e aprendizagem (LÜCK, 2009). De acordo com Lück (2009) o significado da Gestão escolar é:

[...] o ato de gerir a dinâmica cultural da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu projeto político-pedagógico e comprometido com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), de participação e compartilhamento (tomada de decisões conjunta e efetivação de resultados) e auto-controle (acompanhamento e avaliação com retorno de informações) (LÜCK, 2009, p. 24).

Neste contexto, a equipe de gestão escolar é constituída por profissionais responsáveis pela organização, orientação administrativa e pedagógica da escola, abrangendo a dimensão pedagógica, financeira, política e administrativa do universo escolar, em um contexto complexo (LÜCK, 2000), ou seja, precisam “realizar o planejamento, a organização, a liderança, a orientação, a mediação, a coordenação, o monitoramento e a avaliação dos processos necessários à efetividade das ações educacionais orientadas para a promoção da aprendizagem e formação dos alunos” (LÜCK, p. 23, 2009). Além do mais, devem assumir com autonomia o encaminhamento e a resolução de suas problemáticas cotidianas (LÜCK, 2009; LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSCHI, 2003).

Segundo Lück (2009), a equipe de gestão é formada pelo diretor escolar, diretores assistentes ou auxiliares, coordenadores pedagógicos, supervisores, orientadores educacionais e secretários escolares, além da participação ativa dos professores e da comunidade escolar, possibilitando a articulação entre o Estado e a sociedade civil na escola (KRAWCZYK, 1999), através de uma gestão democrática. O diretor e os demais membros da gestão escolar são os líderes que proporcionam as mudanças no contexto de uma escola e são responsáveis por “[...] influenciar positivamente as pessoas, para que, em conjunto, aprendam, construam conhecimento, desenvolvam competências, realizem projetos, promovam melhoria em alguma condição [...]” (LÜCK, 2010, p.17).

Assim, a peça principal do ambiente escolar é o diretor, pois a ele:

[...] compete a liderança e organização do trabalho de todos os que nela atuam, de modo a orientá-los no desenvolvimento de ambiente educacional capaz de promover aprendizagens e formação dos alunos, no nível mais elevado possível, de modo que estejam capacitados a enfrentar os novos desafios que são apresentados (LÜCK, 2009, p. 22).

Sabendo-se que o ambiente escolar e o processo educativo, refletem o contexto sociocultural na qual a instituição está inserida e suas organizações sociais e econômicas, contribuem para a formação do sujeito atuante nesta sociedade (DOURADO, 2007; CASTIGLIONI, 2011). Logo, os gestores escolares, mais especificamente o diretor escolar, têm a responsabilidades de preocupar-se com os processos pedagógicos, a contextualização de seus conteúdos baseados na realidade local, através de métodos, dinâmicas e utilização de tecnologias, integradas ao currículo coeso (LÜCK, 2009). No entanto, segundo Candau (2012a, p. 187), “a escola continua predominantemente privilegiando um referente cultural único, reconhecendo conhecimentos provenientes de uma única tradição epistemológica e sociocultural como legítimos e dignos de integrar o currículo escolar e estratégias didático-metodológicas homogêneas”.

Por um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro lado, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica) (ABRAMOVAY *et al.* 2002, p.75).

Com isso, “a autoridade da escola, bem como de seu principal representante, o professor e a equipe diretiva, parece não ser mais suficiente para resolver tais problemas e restaurar a “ordem” necessária ao desenvolvimento do trabalho pedagógico” (LOPES, GASPARIN, 2003, p.300). Nessa perspectiva, a equipe de gestão escolar deve repensar num conjunto de ações que tenham como objetivo a melhoria da qualidade do ensino, além da

necessidade da participação de todos da comunidade interna da escola, pais e da sociedade em geral, através de uma gestão democrática (LÜCK, 2009). No entendimento da autora,

[...] a gestão democrática se assenta na promoção de educação de qualidade para todos os alunos, de modo que cada um deles tenha a oportunidade de acesso, sucesso e progresso educacional com qualidade, numa escola dinâmica que oferta ensino contextualizado em seu tempo e segundo a realidade atual, com perspectiva de futuro (LÜCK, 2009, p. 70).

Castiglioni (2011, p. 5) salienta que “a globalização/pós-modernidade é marcada por três características: a velocidade, a exclusão e a inovação, e [...] essas características não podem deixar de influir profundamente no processo educacional, o que se torna mais um desafio para as escolas e gestores”. No entanto, o cotidiano escolar é um ambiente mais complexo, pois é formado por pessoas de múltiplos saberes e motivações, diversas temporalidades e valores, no mesmo espaço e por isso, o entendimento e a aceitação das propostas educacionais não se dá de forma natural e pronta, sendo necessárias outras formas de intervenção (LÜCK, 2009).

Portanto, diante deste cenário de constante transformação, intensificação da violência no ambiente escolar, complexidade da relação professor-aluno, “crise” nos padrões tradicionais de ensino (LOPES, GASPARIN, 2003), a gestão escolar assume um papel fundamental, buscando oferecer recursos materiais, físicos e pedagógicos para o desenvolvimento de projetos para diminuir a ocorrência de *bullying* e outras manifestações de violência no espaço escolar, cada vez mais recorrente.

A psicopedagoga Geane de Jesus Silva é bem enfática, quando destaca a falta de preparo por parte dos profissionais da educação e a dificuldade em perceber problemas com seus alunos, devido ao desgaste emocional provocado pela quantidade de horas de trabalho, as condições do mesmo e baixo salário. Estas questões poderiam estar causando estresse em sala de aula e contribuindo para a violência escolar, casos de *bullying* e indisciplina (SILVA, 2016). Assim,

[...] a escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os Conselheiros Tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente etc. Caso não o faça poderá ser responsabilizado por omissão. Em situações que envolvam atos infracionais (ou ilícitos) a escola também tem o dever de fazer a ocorrência policial. Dessa forma, os fatos podem ser devidamente apurados pelas autoridades competentes e os culpados responsabilizados. Tais procedimentos evitam a impunidade e inibem o crescimento da violência e da criminalidade. (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2010, p.12).

Para evitar os casos de *bullying* é essencial que os gestores educacionais tomem consciência da importância de se estudar o tema, suas implicações, características, conceitos e

expressões, livres de preconceitos, alarmismos ou redundantes retóricas, e assim, promover orientação e discussão a respeito do assunto, que norteiam os profissionais da educação na identificação e intervenção dos casos de *bullying* (FRANCISCO, LIBÓRIO, 2009; SILVA, 2010). Além do mais, é de suma importância o envolvimento da equipe de gestão escolar nos casos de violência e *bullying*, pois suas ações alcançam diretamente o dinamismo do trabalho escolar, bem como o seu direcionamento na comunidade escolar e na sociedade, podendo atingir todos os atores do cenário escolar, através do papel de mediadora (NJAINÉ, MINAYO, 2003). Para Njainé e Minayo (2003), a mediação, a negociação e o respeito às individualidades entre pessoas com diferentes idéias pode ser um dos caminhos para que gestores consigam administrar os conflitos internos e externos gerados pelo *bullying*.

Para Castiglioni (2011, p. 11),

[...] torna-se necessária a revisão dos modelos de gestão e da formação de gestores, tanto em nível local quanto sistêmico, onde questões como a “violência escolar”, “educação em valores” e “mediação de conflitos”, todas com acentuada relevância dentro do atual quadro educacional, sejam temas amplamente discutidos e refletidos nos cursos destinados a estes profissionais [...].

Todavia, algumas estratégias podem ser consideradas e incluídas no cotidiano escolar: no caso dos docentes é importante incluir o tema como conteúdo escolar (GOMES, 2011), observar o comportamento dos alunos dentro e fora da sala de aula e considerar quedas bruscas individuais no rendimento escolar e procurar a direção da escola em casos de *bullying*; os gestores escolares devem pesquisar sobre o assunto e propor formações pedagógicas e intervenções junto aos professores (PEDRA, FANTE, 2008), objetivando reduzir os casos de *bullying*.

Neste sentido, cabe ressaltar o trabalho de intervenção e prevenção da escola e da equipe de gestão escolar, juntamente com os alunos, os pais e a sociedade em geral, além de investir na formulação de políticas públicas, formação dos profissionais e programas *antibullying* que promovam segurança aos alunos e minimizem as complicações sociais e de aprendizagem (PEDRA, FANTE, 2008; VIEIRA, 2009; GOMES, REZENDE, 2011).

## 2.5 LEGISLAÇÃO ANTIBULLYING

O interesse pelo tema *bullying* no Brasil ainda é recente, sendo necessários esforços para a compreensão do mesmo (FRANCISCO; LIBÓRIO, 2009), além do reconhecimento e formas de intervenção para solucionar os casos de *bullying*. Fante (2003, 2005) e Lopes Neto (2005), destacam a crescente dimensão da violência escolar nas últimas décadas em todas as

sociedades e a necessidade de propor medidas que minimizem as ocorrências de casos de *bullying* no ambiente escolar.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - **Lei Nº 8.069/1990**), o ambiente escolar de liberdade, respeito e dignidade é direito da criança e do adolescente, ou seja, de acordo com o artigo 17 do ECA, “consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais” (BRASIL, 1990).

Assim faz-se necessário uma legislação que dê suporte aos profissionais da educação e aos alunos. Neste contexto, o **Projeto de Lei Nº 264/2009**, do deputado Adroaldo Loureiro, foi aprovado com unanimidade na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Conhecido como projeto *antibullying*, dispõe sobre o combate à prática de *bullying* nas instituições de ensino de educação básica, no Rio Grande do Sul.

Em 2010, a governadora Yeda Crusius (PSDB) sancionou a **Lei Nº 13.474/ 2010**, sendo o Rio Grande do Sul o primeiro estado a ter uma lei de combate ao *bullying* escolar. A lei obriga as escolas públicas e privadas a desenvolver ações permanentes de prevenção a atos de intimidação e de identificação rápida de casos de *bullying*, objetivando fazer com que as escolas passem a investigar e registrar os casos, desenvolver planos de prevenção e combate às práticas de intimidação física e psicológica, e treinar professores e funcionários para abordagens de caráter preventivo.

O senado aprovou o **Projeto de Lei Nº 228/2010**, que altera a **Lei Nº 9.394/1996** (Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional), incluindo o inciso IX ao artigo 12, responsabilizando as escolas por casos de *bullying*. Os estabelecimentos de ensino ficam incumbidos de “promover ambiente escolar seguro, adotando estratégias de prevenção e combate a práticas de intimidação e agressão recorrentes entre os integrantes da comunidade escolar, conhecidas como *bullying*” (BRASIL, 1996).

Mais recentemente, a presidente, Dilma Roussef (PT) sancionou através da **Lei Federal Nº 13.185/2015**, o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. O objetivo é reduzir a prática de violência dentro e fora das escolas, contribuir para o desempenho discente e promover a cidadania e o respeito nos espaços educacionais. A cidade de Feliz, local onde a pesquisa foi realizada, não dispõe de lei municipal *antibullying*.

A responsabilidade penal, nos casos de *bullying* vai depender da idade do autor das agressões verbais ou físicas. Contudo, o agressor seria responsável por seus atos, mas,

conforme a **Lei Nº 8.069/1990** - Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), se o mesmo for menor de idade, seus pais são os responsáveis legais; se possuir 12 anos ou mais, o mesmo responderá pela violência, segundo orientações protetivas e medidas socioeducativas (ECA - Título III – Capítulo IV) em casos mais graves, para o menor infrator (criança ou adolescente) e sua família.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

O presente trabalho é constituído por um estudo de carácter exploratório, pois estudos dessa natureza[...] “permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109) e por uma pesquisa descritiva, baseada na coleta de dados da realidade pesquisada, para conhecer melhor o ambiente escolar, abrangendo os problemas, seus valores, os problemas dos adolescentes (TRIVIÑOS, 1987), através de [...] “um recorte que fazemos da totalidade” (VICTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000, p. 33), de forma a interpretar os fatos que fazem parte da dinâmica do ambiente escolar.

Contudo, “[...] a escolha de uma metodologia também influencia a definição do problema, uma vez que toda a metodologia apresenta potencialidades, mas também limitações aos objetos de pesquisa” (VICTORA, KNAUTH, HASSEN, 2000, p. 36). Triviños (1987, p. 48), salienta que [...] “a interpretação dos fenômenos que se apresenta numa sala de aula oferece a possibilidade de esclarecer alguns elementos culturais, como valores, mundo vivido pelo sujeito”, fatores importantes para entender os casos de *bullying* no ambiente escolar.

Neste contexto, o método qualitativo é importante para “fornecer uma visão de dentro do grupo pesquisado e busca entender o contexto onde algum fenômeno ocorre” e o método quantitativo “descreve uma variável quanto sua tendência central” (VICTORA, 2000, p.37). Contudo, Dietrich, Loison e Roupnel (2015, p. 182) enfatizam que a utilização das duas abordagens, qualitativa e quantitativa, de forma concatenada são [...] complementares e aportam um duplo esclarecimento ao objeto de pesquisa, permitindo compreender melhor a complexidade dos fenômenos”, melhora a qualidade da pesquisa e fornece maior confiabilidade científica aos resultados.

Portanto, foram utilizados de forma associada as abordagens qualitativas e quantitativas, objetivando ampliar os dados disponíveis e facilitar a análise da dinâmica dos casos de *bullying* no ambiente escolar entre os alunos e professores, e a identificação das estratégias utilizadas pela equipe da gestão escolar e pelos professores na resolução destes casos. Na abordagem qualitativa, a coleta de dados se procedeu a partir de duas técnicas específicas: **1 - entrevista semi-estruturada** com os gestores escolares das duas escolas, pois esta técnica permite ao entrevistado a liberdade de interrogação diante das dúvidas que surgem ao longo da entrevista (TRINIÑOS, 1987) e a compreensão das percepções dos respondentes em relação à problemática de pesquisa (BAUER e GASKELL, 2002); **2 - grupo**



**focal** com pequenos grupos de alunos do 6º ao 9º ano. A escolha das turmas de alunos participantes procedeu-se de acordo com a pesquisa e com a análise prévia de trabalhos científicos, como de Fante (2003; 2005), Tortorelli *et al.* (2010), Moura, Cruz e Quevedo (2011) e Lima *et al.* (2011), onde, ambos os autores salientam maior incidência de casos de *bullying* nestas séries (6º ao 9º ano) e faixas etárias (10 a 15 anos). A forma de coleta de dados foi escolhida pelo fato de permitir melhor interação grupal ao se discutir um tópico especial e delicado, neste caso, o tema *bullying*, sugerido pelo pesquisador, além da entrevista em profundidade (GONDIM, 2003). Bauer e Gaskell (2002, p. 75) destacam que o grupo focal “estimula os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem”. Segundo GATTI (2005), o interesse não está somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam. Na abordagem quantitativa, foi aplicado **questionário com questões fechadas**, aos professores do 6º ao 9º ano, estabelecidos previamente, possibilitando aos pesquisados responderem as perguntas mais facilmente e nos mesmos termos (FODDY, 2002).

### **3.1.1 Escolas analisadas**

As escolas escolhidas e investigadas foram uma escola estadual e uma municipal. Ambas fazem parte do Sistema de Ensino do município de Feliz e apresentam características diferentes. A escola estadual está localizada no centro do município de Feliz, a qual é administrada por uma equipe de gestão escolhida a partir de eleição direta pela comunidade escolar (pais, alunos, funcionários e professores), compreendendo em torno de 400 alunos, abrangendo as turmas do 1º ano do ensino fundamental até o 3º do ensino médio, nos turnos manhã, tarde e noite. A escola municipal, localizada no interior do município de Feliz, é administrada por equipe de gestão escolhida pelo município, geralmente com número de até 100 alunos, abrange alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde.

### **3.1.2 Participantes**

Realizou-se a pesquisa com a equipe de gestão escolar das duas escolas, compreendendo 2 diretoras, 2 vice-diretoras, 2 supervisoras pedagógicas, 2 orientadoras pedagógicas, 10 professoras do 6º ao 9º ano e 20 alunos do 6º ao 9º ano, da escola municipal e estadual.

### 3.1.3 Coleta de dados

Para efetuar a coleta de dados, inicialmente entrou-se em contato com a equipe de gestão escolar das escolas selecionadas para negociar com os mesmos, os acordos para participar da pesquisa, através de conversas, explicações da importância do trabalho e análise do projeto de pesquisa. Posteriormente solicitou-se autorização para realizar as entrevistas semi-estruturadas com a equipe de gestão escolar; aplicação dos questionários fechados aos professores do 6º ao 9º ano e a seleção dos alunos (6º ao 9º) que participaram do grupo focal.

No primeiro contato com os sujeitos participantes da pesquisa, foi entregue para cada um o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), para lerem e assinarem, no caso dos alunos, o termo foi assinado pelos pais ou responsáveis.

A partir do segundo contato, iniciou-se a coleta dos dados para a pesquisa, dentro do horário regular das aulas, no seu respectivo turno:

#### **1- Entrevistas semi-estruturadas:**

Foram realizadas entrevistas com 2 diretoras, 2 vice-diretoras, 2 supervisoras pedagógicas e 2 orientadoras pedagógicas, que compreendem a equipe gestora. A entrevista é constituída de doze perguntas e foi gravada para posterior análise das respostas. Os assuntos abordados se referem ao conhecimento da Lei 13.185/2015 e o tema mais especificamente; mudanças pedagógicas e curriculares ocorridas após a aprovação da lei; o desenvolvimento ou não de projetos relacionados ao assunto; ocorrência de casos de *bullying* no ambiente escolar entre os alunos do 6º ao 9º ano; percepção dos gestores escolares sobre as causas da prática do *bullying* no ambiente escolar e as implicações deste fenômeno no dia a dia dos alunos e no processo de aprendizagem; medidas adotadas pela equipe gestora e professores na resolução da situação (Apêndice A).

#### **2- Questionário com questões fechadas:**

O questionário aplicado aos professores constou de dezenove questões fechadas de múltipla escolha, adaptado a partir de Rolim (2008) (Apêndice B). A escola estadual e a municipal estudadas possuem um total de 25 professores (13 professores na escola estadual e 12 na escola municipal) que lecionam nas turmas do 6º ao 9º ano. Para a escolha dos 10 professores de ambas as escolas, seguiu-se o critério das disciplinas com mais horas/aula semanais e professores que permanecem mais tempo em sala-de-aula. Abordados os assuntos sobre o conhecimento do tema; ocorrência de casos de *bullying* no ambiente escolar entre os alunos do 6º ao 9º ano; percepção dos professores sobre as causas da prática do *bullying* no ambiente escolar e as implicações deste fenômeno no dia a dia dos alunos e no processo de

aprendizagem; medidas adotadas pela equipe gestora e professores na resolução da situação (Apêndice B). O questionário foi recolhido para posterior tabulação e análise das respostas.

### **3- Grupo focal:**

Foram realizados 2 grupos focais, com no total 20 alunos (6 alunos do 6º ano, 6 alunos do 7º ano, 4 alunos do 8º ano e 2 alunos do 9º ano das duas escolas participantes). Cada encontro teve duração de 90 minutos. O primeiro grupo representa os alunos da escola estadual e o segundo grupo, os alunos da escola municipal. Os alunos foram escolhidos a partir da sugestão dos professores e da equipe de gestão escolar das escolas analisadas que poderiam ter algum envolvimento nos casos de *bullying*. Seus nomes não serão revelados, pois isso será utilizada a seguinte denominação: A1, A2 e A3 (alunos do 6º ano), B1, B2 e B3 (alunos do 7º ano), C1 e C2 (alunos do 8º ano), D1 e D2 (alunos do 9º ano), para representar alunos da escola estadual. Para os alunos da escola municipal, E1, E2 e E3 (alunos do 6º ano), F1, F2 e F3 (alunos do 7º ano), G1 e G2 (alunos do 8º ano), H1 e H2 (alunos do 9º ano), para alunos da escola municipal. A atividade iniciou com uma breve explicação sobre o assunto e sobre a pesquisa. Posteriormente, os alunos foram estimulados a conversar sobre o conhecimento a respeito do tema; a prática e as concepções dos alunos sobre o tema *bullying* na escola; as situações em que ocorre o *bullying*, as formas mais utilizadas, quem já fez e quem sofreu *bullying*, seguindo um roteiro de quatorze perguntas, adaptado de Rolim (2008) (Apêndice C). Por fim, foi entregue uma ficha de reunião com doze perguntas (adaptado de Rolim, 2008) para os alunos, as quais foram preenchidas com algumas informações básicas sobre si (Apêndice D). A conversa foi filmada para propiciar uma visão mais íntegra da realidade, das impressões e do significado das questões discutidas pelo grupo, para posterior análise.

#### **3.1.4 Análise dos dados**

Após a coleta dos dados, todo o material foi organizado seguindo sua metodologia. As entrevistas e os grupos focais foram interpretados e reescritos de acordo com a integridade da gravação e das filmagens, com o registro descritivo e reflexivo do comportamento verbal e o recebimento de informações não esperadas dos envolvidos. As questões fechadas foram codificadas através de análises estatísticas e sua apresentação em forma de tabelas e gráficos, realizados no programa excel.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando o objetivo proposto nesta pesquisa, “verificar as estratégias adotadas pelos gestores escolares de escolas municipais e estaduais, situadas no município de Feliz/RS, na resolução das questões de *bullying* ocorridas no contexto escolar do ensino fundamental séries finais (6º ao 9º ano)”, foram utilizados de forma associada às abordagens qualitativas e quantitativas para ampliar a gama de dados disponíveis. Na abordagem qualitativa, a coleta de dados procedeu-se a partir de entrevistas semi-estruturadas com os gestores escolares das duas escolas (estadual e municipal) e de grupo focal com pequenos grupos de alunos do 6º ao 9º ano. Na abordagem quantitativa, foi aplicado questionário aos professores do 6º a 9º ano. Os resultados foram descritos de acordo com as percepções da equipe de gestão escolar, dos professores e dos alunos, das duas escolas participantes, sobre o tema *bullying*.

### 4.1 O BULLYING E O PAPEL DOS GESTORES ESCOLARES

As entrevistas foram realizadas com 8 respondentes, 2 diretoras, 2 vice-diretoras, 2 supervisoras e 2 orientadoras pedagógicas, da escola municipal e da estadual, no qual responderam a doze perguntas referentes ao tema *bullying*.

De acordo com os relatos das profissionais, todos tem conhecimento da **Lei Nº 13.185/2015** contra o *bullying*, mas não sabem do que se trata especificamente, ou seja, não tem conhecimento aprofundado do conteúdo. No entanto, percebe-se uma grande preocupação por parte da equipe de gestão escolar de ambas as escolas, em compreender o que de fato é o *bullying*. Tendo em vista que é uma das manifestações de violência escolar que ocorre entre alunos (entre iguais) e tem atingido maior visibilidade (BERNARDINI; MAIA, 2009).

Sob esta lógica, os respondentes afirmam que adquirem conhecimento sobre o tema a partir de cursos, palestras, formações pedagógicas, mídia, material recebido de outras instituições. A diretora da escola pública relata que é possível adquirir conhecimento no dia a dia com alunos,

“Adquiro conhecimento constantemente sobre o *bullying*, no dia a dia da escola e no convívio com os alunos” (Diretora da escola estadual).

A diretora e a orientadora pedagógica da escola municipal obtiveram conhecimento da nova lei e do *bullying* através de pesquisas na internet, durante preparação do material para reunião pedagógica com os professores. O assunto foi incluído como tema da reunião pedagógica, após um caso de *bullying* ocorrido entre alunos da escola.

Todas as entrevistadas sabem o que é *bullying*, evidenciando o trabalho positivo de toda a equipe de gestão escolar, tanto na esfera estadual quanto na municipal, fato corroborado nas falas dos respondentes. *Bullying* é definido como

“Uma repetição de atos, sempre com o mesmo colega, com o objetivo de ofender, magoar, de machucar, que acontece com pares iguais, sendo algo constante. A criança se sente deprimida, ofendida e machucada” (Diretora da escola municipal).

“Qualquer ato ou qualquer ação verbal ou através da mídia, que venha denegrir a imagem do outro. Então, tu dizeres, tu és gordo, uma baleia, dar apelido, aspecto físico, questão social, cor, isso é *bullying*. Não respeitar o outro na sua diferença” (Diretora da escola estadual).

Toda a forma de violência na escola gera preocupação dos educadores e da sociedade em geral, aumentando a preocupação quando assume um caráter sistemático (BERNARDINI, MAIA, 2009). Com base nas entrevistas das profissionais de ambas as escolas, a violência escolar e o *bullying* sempre existiram no âmbito escolar, contudo, atualmente os casos são mais recorrentes, e quando ocorrem, são detectados e resolvidos imediatamente. Segundo a orientadora pedagógica da escola estadual, os casos de indisciplina são extremamente recorrentes,

“Hoje em dia o aluno não fica mais sentado e quieto o tempo todo e percebe-se que os professores tem dificuldade em aceitar esta realidade” (Orientadora pedagógica da escola estadual).

Conforme relatos, a violência escolar ocorre esporadicamente em casos bem pontuais nas escolas participantes e três situações são pontuadas, conforme discutido a seguir.

Na primeira situação, alunos da escola estadual que estudam na mesma sala (turma de ensino médio), mas pertencem a grupos de bairros diferentes, brigaram dentro da escola, devido a um desentendimento que se iniciou fora da escola. A diretora da escola estadual salienta,

“O desentendimento iniciou fora e continua ou estoura na escola estadual, porque obrigatoriamente se encontram e geralmente estudam na mesma sala” (Diretora da escola estadual).

Candau *et al.* (1999) explicita que tal situação esta relacionada a grupos que costumam travar disputas e rivalidades entre si e encontram na escola o local mais adequado para resolução de situações mal resolvidas ou brigas. Por isso, as brigas começam em outras instâncias e acabam sendo estendidas ao espaço escolar.

A segunda situação, uma aluna do 9º ano (escola estadual) ameaçou sua colega de sala, via mensagem de celular (*WhatsApp*), devido a um desentendimento que se iniciou fora

da escola. A mãe da aluna ameaçada registrou a situação junto à orientadora pedagógica e fez um boletim de ocorrência junto à delegacia.

A terceira situação está relacionada com a depredação do espaço escolar, como

“Quebrar algum vidro ou estragar portas, classes..., são mais recorrentes, mas quando acontecem, mesmo que sem querer, os pais são chamados na escola para tomar conhecimento do fato e pagar pelo patrimônio danificado” (Supervisora da escola municipal).

Ainda, a vice-diretora da escola municipal, destaca que ocorrem poucos casos de violência e *bullying*, porque

“A escola municipal possui câmeras de filmagem e os alunos sabem que estão sendo controlados, vigiados” (Vice-diretora da escola municipal).

Considerando o relato anterior, Foucault (1987) traz uma contribuição importante sobre o assunto. Segundo o autor, ser vigiado permanentemente por um aparelho de produção (câmeras) pode ser considerado um mecanismo de poder que tem “alma”, pois ela existe e tem uma realidade, produzida a partir daqueles que são punidos, vigiados, controlados, treinados e corrigidos. Além disso, as câmeras “se encarregam de vigiar o comportamento cotidiano das pessoas, sua identidade, atividade, gestos aparentemente sem importância” (FOUCAULT, 1987, p. 98). Ainda, “[...] é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder” (FOUCAULT, 1987, p. 33).

Vale a pena reiterar, que nas duas primeiras situações pontuadas anteriormente, o desentendimento entre os alunos iniciou fora da escola, devido a fatores externos, que podem ser, segundo Abramovay e Rua (2002), questões de gênero, relações raciais, características sociais das famílias, influência dos meios de comunicação e o espaço social das escolas, sendo resolvido dentro da escola, pois é o local de encontro dos jovens que geralmente estudam na mesma sala, gerando a violência e casos de *bullying* na escola.

Cabe ressaltar que a “violência escolar é considerada todo ato, praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (FANTE, 2005, p. 157). Já o *bullying* é “um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento” (FANTE, 2005, p. 28 - 29), de forma intencional, sistemática, repetitiva ao longo do tempo e sem motivação específica, contra uma ou mais vítimas, dentro de uma relação desigual de poder, causando dor e angústia (FANTE, 2005).

Diante do exposto, a equipe de gestão escolar das escolas estudadas foi questionada sobre a ocorrência de casos de *bullying* no ambiente escolar entre os alunos do 6º ao 9º ano. Percebe-se na fala da vice-diretora da escola estadual, que a mesma não tem conhecimento dos casos de *bullying* e também não se preocupa.

“Os casos ocorrem no pátio, mas não tenho muito contato com o que e quando acontece, pois não estou em sala-de-aula” (Vice-diretora da escola estadual).

A diretora da escola estadual confirma ocorrer com maior frequência casos de *bullying* nas séries finais do ensino fundamental, principalmente no 6º e no 7º ano. A orientadora pedagógica da escola estadual relata que no 7º ano tem um aluno que apresenta perfil violento, maldoso e tem prazer em machucar e humilhar os demais colegas e professores. Contudo, de acordo com a mesma, já foi conversado com o aluno e com seus pais para melhorar a sua postura.

Os profissionais da escola municipal relatam haver casos de *bullying* em todos os anos escolares, não percebendo maior frequência nos anos finais do ensino fundamental. Ainda, segundo a diretora da escola municipal, uma situação mais grave de *bullying* ocorreu com um menino do 7º ano, qual é relatada a seguir, segundo a orientadora e a supervisora pedagógica da escola municipal:

**A vítima**, segundo a orientadora pedagógica da escola municipal, é “extremamente quieto, não reage, não fala, os pais são presentes, inteligente, faz o tema, é aplicado”. É discriminado constantemente na sala de aula, com xingamentos e apelidos (agressão verbal) e na sua forma mais grave, a vítima foi agredida (agressão física) na rua por outros meninos do 6º e do 7º ano.

**O agressor** é “mandão, não vai bem na escola, problema com reprovação, os pais não tomam atitude – não cumprem seu papel, desrespeita o professor” (orientadora pedagógica da escola municipal). É colega da vítima.

**O agressor e espectador** é um “aluno com família estruturada, responsável, pais presentes, mas se deixa levar por outros, extremamente influenciável, com dificuldade de aprendizagem e faz tratamento com a psicopedagoga”. É aluno do 6º ano e “ajudou a segurar a vítima e em nenhum momento pediu ajuda” (supervisora pedagógica da escola municipal).

Importante salientar que a vítima era aluno da escola estadual e foi transferido para a escola municipal, justamente por não ter se adaptado à escola anterior e aos colegas. A ideia de Abramovay (2006) vem ao encontro com o que aconteceu com esse aluno (vítima), ou seja, as práticas de constrangimento, coação e intimidação, constituem-se em manifestações mais

brandas de *bullying* e por isso muitas vezes passam despercebidos pelos professores. Contudo, em situações mais graves (agressão física), são desenvolvidas atividades com alunos, professores e pais. Na fala da orientadora pedagógica da escola estadual, os casos de *bullying* que ocorrem na escola, são considerados atos de brincadeira na visão dos alunos, sem intenção de ofender. Por isso, vale a pena mencionar que, de fato, para a maioria dos alunos, gestores escolares e professores, esses acontecimentos são considerados comuns da idade e da adolescência (BERNARDINI, MAIA, 2009).

Segundo Salgado (2010, p. 4), “há muitos casos de *bullying* no contexto escolar e aqui é importante ressaltar a responsabilidade da instituição”, pois o *bullying* não pode ser considerado como um reflexo de uma sociedade que de certa forma incentiva a violência, deve ser trabalhado insistentemente para findar os casos. Mascarenhas (2006) ressalta que o diagnóstico, a gestão do *bullying* e da indisciplina no ambiente escolar, devem ser atividades de rotina e planejadas pelo professor e pelos outros profissionais que trabalham na escola.

Sob esta lógica, a equipe de gestão escolar (escola estadual e municipal) realiza reuniões pedagógicas semanais, onde o tema é abordado e algumas reflexões são realizadas. Paula e Nunes (2012) enfatizam que o bom gestor escolar alerta os professores para ficarem atentos a quaisquer mudanças repentinas em seus alunos, como por exemplo, a queda brusca no rendimento escolar. Fato corroborado nas falas das entrevistadas. De acordo com a diretora,

“É realizado leitura enquanto escola, que olhar ter, observações que o professor tem que fazer, como o professor precisa lidar em sala de aula, qual o papel do professor diante da situação, o que realmente é o *bullying*” (Diretora da escola municipal).

Ainda, segundo relatos das entrevistadas, para combater a violência escolar e o *bullying*, é importante as seguintes ações:

“A participação ativa da família na escola, pais mais presentes e que cumpram o que é combinado na escola” (Orientadora pedagógica da escola municipal).

“Conscientização” (Orientadora pedagógica da escola estadual).

“Palestra” (Orientadora pedagógica da escola municipal).

“Manter os alunos ocupados com jogos/brincadeiras” (Vice-diretora da escola estadual).

Bernardini (2008) corrobora a necessidade da parceria entre a escola e a família, para a harmonia das relações sociais no ambiente escolar, contudo ainda está distante de ser alcançada. E para além disso, a escola trabalhando em consonância com as famílias,



discutindo o problema e estabelecendo parcerias que promovam a integração entre os diferentes grupos que formam a comunidade escolar, poderá colaborar efetivamente para a minimização das situações de *bullying*.

Partindo do pressuposto de que as diferentes manifestações de violência na escola apontam para a necessidade de refletir e compreender o porquê da existência desses comportamentos agressivos na relação pedagógica (DANI, 2003), os entrevistados relatam não haver projeto específico enfocando o tema *bullying* na escola, “por causa dos custos” (diretora e orientadora da escola estadual), mas realizam outras atividades, como: “formações pedagógicas” (escola estadual e municipal); e atividades como tema transversal (“os professores trabalham o tema na disciplina de ensino religioso e em forma de texto nas aulas de português”/ escola municipal). Segundo Lopes Neto (2005), os temas transversais podem ser inseridos em todos os momentos da vida escolar, pois são ações relativamente simples e de baixo custo. Mascarenhas (2006) explicita a importância em trabalhar o tema *bullying* como um tema transversal na escola, pois este revela os valores como o respeito mútuo, a solidariedade, a justiça, o diálogo e a moral, ao longo do convívio escolar, através da articulação com as diferentes áreas que integram o conjunto do currículo.

Conforme destacado anteriormente, os custos e/ou despesas impossibilitam e limitam a escola de desenvolver projetos, palestras sobre o tema, ou seja, realizar um trabalho mais eficiente com toda a comunidade escolar. Atualmente, as escolas contam com trabalhos e atividades de voluntários e de estagiários nas turmas (escola estadual). Por exemplo, o trabalho de socialização entre alunas do Curso Normal/ Magistério, desenvolvido por uma estudante de psicologia (estágio). Ainda, de acordo com os respondentes (escola estadual) são desenvolvidos projetos gratuitos como, PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e a Violência), CAPITÃO DIL (Projeto contra as Drogas, Álcool e Violência), grupo AMOR EXIGENTE (Site de conscientização sobre o uso de drogas e alcoolismo) e o programa CIPAVE - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar (Projeto desenvolvido pela Secretaria da Educação, o governo do estado e a promotoria. Através de uma cartilha informativa, orientam a comunidade escolar estadual sobre as mais diversas situações que podem ocorrer no ambiente escolar), que não geram despesas para as escolas.

Neste contexto, a equipe de gestão escolar da escola estadual e da municipal, afirmam não terem ocorrido mudanças pedagógicas e curriculares após a aprovação da **Lei Nº 13.185/2015**, contudo, a forma de resolução dos casos de *bullying* na escola, ocorre através do

diálogo com os alunos e pais, debate, palestra, reuniões, formações, entre outros. Segundo relatos,

“O tema sempre foi trabalhado na escola, porque sempre existiu. O importante é educar, é necessário mudança de postura e não é a lei que vai mudar isso” (Diretorada da escola estadual).

“Seria interessante discutir o assunto nas reuniões com os pais, abordar o conteúdo da lei e destacar que é crime fazer *bullying*” (Supervisora pedagogia da escola municipal).

Moreira (2002) sugere a utilização do diálogo como uma forma de aproximação entre os diferentes, de modo que uma política da diferença não impeça projetos comuns da escola. Segundo o autor, o espaço do diálogo, em que todos tenham voz, oportuniza a vivência de relações, no qual as questões podem ser tratadas e discutidas por todos os envolvidos. Francisco e Libório (2009) consideram que os debates são fundamentais, visando uma conscientização sobre os efeitos do *bullying*, os quais não ficam restritos às vítimas, agressores e espectadores, mas à sociedade de uma forma geral.

Diante dos dados que já foram expostos, as causas da prática do *bullying* no ambiente escolar, segundo os entrevistados podem ser:

“Cultural. Vem de casa, ou seja, os alunos escutam os “palavrões” falados em casa e reproduzem dentro da sala de aula” (Orientadora pedagógica da escola estadual).

Dos jogos e filmes que assistem, pois tem fácil acesso.

“Pensam que podem fazer as mesmas coisas que vêem nos jogos e filmes” (Orientadora pedagógica da escola estadual).

Cabe neste contexto, complementar os dois relatos anteriores, pois a escola reflete a sociedade (“cultura”) em que está inserida e suas organizações sociais e econômicas (CARREIRA, 2005). Ainda, “a cultura pode ser definida como um conjunto de fatores sociais e psicológicos que irá influenciar na maneira como tudo acontece dentro de uma instituição, desde o comportamento das pessoas até a forma como serão estabelecidas as normas institucionais” (CARREIRA, 2005, p. 46).

Ainda, segundo os respondentes, outras causas do *bullying* podem ser a superioridade de alguns alunos e a falta de limites em casa.

“Acham que são mais que os outros e não acontece nada. Falta de limite em casa, não é ingenuidade” (Vice-diretora da escola estadual).

“Acham divertido constranger o colega, pois no seu ponto de vista é só uma brincadeira” (Orientadora pedagógica da escola municipal).

“A falta de limite, tudo pode, falta de estrutura familiar, conseguem as coisas de forma muito fácil” (Diretora da escola estadual).

“As pessoas têm muitos direitos e não querem cumprir os deveres” (Supervisora pedagógica da escola municipal).

“Os pais protegem demais os filhos” (Diretora da escola municipal).

“Alguns pais não estão preocupados e não sabem mais lidar com os filhos, perderam o controle da situação” (Vice-diretora da escola municipal).

Conforme Só (2010), as causas do *bullying* podem estar relacionadas com os modelos educativos na qual o sujeito está exposto, além da ausência de valores, de limites, de regras de convivência em casa e na escola. No entanto, segundo o autor, ao receber punição ou castigo através da violência e intimidação, o indivíduo passa a resolver seus problemas e dificuldades com o uso da violência.

Entretanto, deve ser explicitado que ocorrem implicações do *bullying* no dia a dia dos alunos e no processo de aprendizagem, para todos os atores da prática. De acordo com os dados dos respondentes,

“A vítima é retraído, tímido, de óculos, medo de expor, perguntar e questionar demora a contar o ocorrido, não quer ir à escola e brincar, passa despercebido por parte dos alunos, mas não está associado ao rendimento escolar” (Diretora da escola estadual).

“O agressor, é mal educado com os colegas, professores e pais. Mas não foi presenciado na escola, é o que se sabe pelas pesquisas na mídia” (Vice-diretora da escola estadual).

Contudo, quando ocorrem casos de *bullying*, as medidas adotadas pela equipe gestora e pelo professor (escola estadual e municipal) é primeiramente conversar com os alunos envolvidos, encaminhar para a orientadora pedagógica (SOE – Serviço de Orientação Educacional) onde são realizadas dinâmicas, se chama os pais e em último caso é encaminhado à direção. Para além disso, é realizado registro e ata do caso. Na escola estadual, o aluno é retirado da sala para realizar atividades com a orientadora pedagógica. Segundo a supervisora (escola estadual), uma vez por semana tem reunião com toda a equipe de gestão escolar, onde a orientadora informa os demais profissionais sobre as situações e dos problemas ocorridos naquela semana, além de recomendações e propostas de trabalho.

Conforme Lopes Neto (2005), a escola deve ouvir e dar atenção às reclamações, depoimentos e denúncias dos alunos quando estas se referem à violência. Além disso, fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas do fato. Além do mais, as duas escolas participantes tomam providências imediatamente quando ocorre

alguma situação de *bullying*, violência ou indisciplina, através da conversa com os alunos envolvidos, com os pais e com a equipe de gestão escolar, além do registro e ata dos casos.

Vale a pena reiterar as pesquisas de Elinoff, Chafouleas e Sassu (2004), Samdal, Dür e Freeman (2004) e Mihalic *et al.* (2001) (*apud* Lopes Neto, 2005), nas quais os autores consideram,

“Que os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolvam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas” (LOPES NETO, 2005, p. 172).

Portanto, segundo a equipe de gestão escolar (escola municipal e estadual) os casos de violência e *bullying* ocorrem em situações bem pontuais, devido à eficiência do Serviço de Orientação Educacional. A escola estadual dispõe de uma orientadora pedagógica que trabalha 40h e tem uma sala individual de trabalho. No município, a orientadora pedagógica atende 20h e no turno contrário leciona para as turmas de 6º ao 9º ano, na mesma escola. A orientadora pedagógica não tem uma sala específica de trabalho, por isso a diretora, a vice-diretora e a supervisora pedagógica, estão envolvidas diretamente nos casos que ocorrem na escola, pois todas trabalham na mesma sala.

#### 4.2 PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O *BULLYING*

No total foram aplicados 10 questionários em ambas as escolas, aos professores das disciplinas com mais horas/aula semanais e professores que permanecem mais tempo em sala-de-aula, considerando que o número total de professores que lecionam nas turmas do 6º ao 9º ano, nas duas escolas é de 25 professores (13 professores da escola estadual e 12 da escola municipal). As disciplinas de Português, Matemática, Educação Física, História e Ciências, da escola municipal e da estadual, foram as selecionadas. Considerando este universo, todos os respondentes são do sexo feminino, pois além de corresponderem ao quadro permanente de professores do ensino fundamental – séries finais (6º ao 9º ano), não há professores do sexo masculino lecionando nas turmas selecionadas.

As escolas e os educadores ao longo dos tempos e em todas as culturas sempre se preocuparam com a transmissão de valores às novas gerações (FREIRE *et al.* 2006). Segundo Kimura (2013), a violência entre alunos e até mesmo entre profissionais é comum e faz parte do cotidiano escolar, onde são justificadas por razões banais.

Conforme os dados compilados nos questionários, somente 10% dos professores não sofreram algum tipo de violência nos últimos 12 meses por parte dos alunos (Tabela 1).

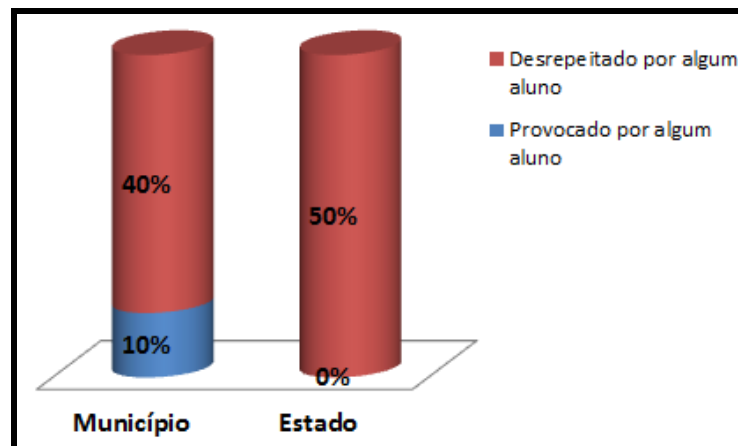
Tabela 1 – Percentagem das respostas dos questionários sobre violência escolar e *bullying*

PERGUNTA	ESTADO			MUNICÍPIO		
	Sim	Não	Às vezes	Sim	Não	Às vezes
Sofreu algum tipo de violência nos últimos 12 meses por parte dos alunos?	40%	10%		50%		
Vocês se sentem bem trabalhando na instituição escolar?	50%			50%		
Conhecem colegas que sofreram violência ou foi agredido por algum aluno?	30%	20%		20%	30%	
Já ouviram falar ou leram algo sobre o tema	50%			50%		
A escola discute formalmente o tema com os professores?	40%		10%	30%		20%
A escola discute formalmente o tema com os alunos?	50%			50%		

Fonte: elaborada pela autora

Entre os professores que tiveram problemas, o fato mais recorrente foi o “desrespeito por parte de um aluno”, seguido pela experiência de ser “provocado por algum aluno” (Gráfico 1). Rolim (2008) constatou em seu estudo que 60% dos professores de Porto Alegre, não sofreram nenhum tipo de violência por parte dos alunos, no período de 2007/2 a 2008/1. No entanto, entre os que enfrentaram problemas, a experiência mais comum foi “ter sido provocado de forma agressiva por um ou mais alunos” (40%) e “foi ofendido” (30%).

Gráfico 1 - Formas de violência sofridas pelos professores



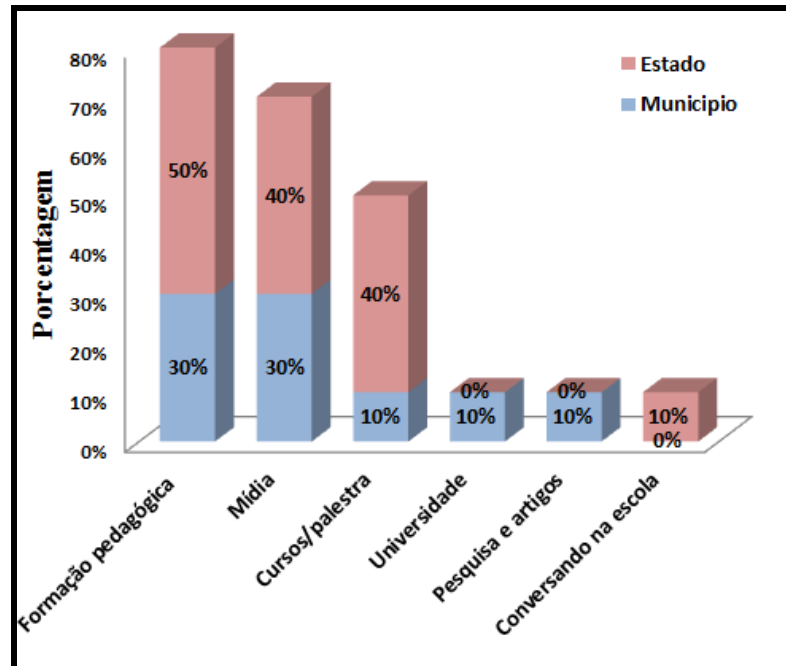
Fonte: elaborado pela autora

Spósito (2001) reitera que as agressões verbais e ameaças são as mais frequentes e não são evitadas dentro das medidas de segurança internas das instituições. Só (2010) salienta a incidência de trocas de xingamentos, palavrões, desrespeito com o material alheio, depredação do patrimônio escolar, ameaça dirigida a professores e agressões físicas entre alunos.

Sob esta lógica, alguns respondentes destacam não conhecer professores que já foram agredidos, ameaçados ou humilhados por alunos na escola, e os professores que conhecem colegas que sofreram violência, relatam ter ocorrido por parte dos alunos que cursam o 6º ano e 7º ano da escola estadual (Tabela 1). Contudo, todos os professores se sentem bem trabalhando na instituição escolar, apesar de ocorrerem eventuais situações de violência (Tabela 1). Dados similares foram encontrados no estudo de Rolim (2008), onde 64% dos professores conhecem algum colega agredido. Os professores se sentem relativamente seguros na escola.

Neste contexto, Freire *et al.* (2006) destacam que uma das manifestações de violência na escola que tem atingido maior visibilidade é a agressão entre alunos, ou seja, o *bullying*. Colovini e Costa (2006) confirmam a incidência desse fenômeno cada vez mais frequente dentro das escolas, sejam públicas ou privadas.

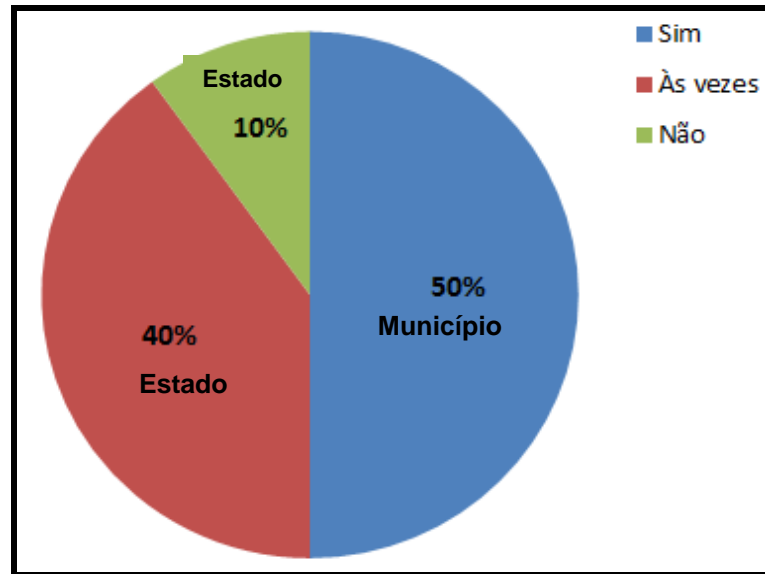
Portanto, avaliando a questão sobre o *bullying*, todos os respondentes já ouviram falar ou leram algo sobre o tema (Tabela 1) e adquiriram conhecimento principalmente nas formações pedagógicas, na mídia, nos cursos e palestras, na universidade (somente professor da escola municipal), conversando na escola e através de pesquisas e artigos (somente professor da escola municipal), conforme gráfico 2. Este resultado pode representar uma questão importante, pois ter conhecimento sobre o tema poderá facilitar a identificação e a tentativa de diminuir os casos de *bullying* escolar.

Gráfico 2 - Formas de conhecimento sobre o *Bullying*

Fonte: elaborado pela autora

Vale mencionar que os resultados encontrados neste estudo vão ao encontro da pesquisa de Silva *et al.* (2013), a qual afirma que 100% dos professores já ouviram falar ou leram sobre o *bullying*, 41% dos professores durante a vida acadêmica já estudaram sobre o tema e 59% não estudaram. Ainda, segundo as autoras, 69% dos professores obtiveram informação através de pesquisas e outros meios e 31% dizem não procurar informações para este problema.

Diante do exposto, a escola estadual e a municipal discutem formalmente o assunto durante as formações pedagógicas e nos conselhos de classe. Entre os alunos, a escola discute o tema seguidamente (Tabela 1). No entanto, somente 10% dos professores da escola estadual consideram não ter informação suficiente para atuar nas situações de *bullying* e os demais professores da escola estadual e municipal, se consideram informados (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Informação para atuar nas situações de *bullying*

Fonte: elaborado pela autora

Camacho (2001) destaca que a falta de conhecimento e a violência de tanto acontecer pode ser confundida como brincadeira, como “normal”, própria da adolescência. Segundo Lopes Neto (2005), o *bullying* é um fenômeno complexo nas escolas e muitas vezes é banalizado ou confundido com agressão ou indisciplina. Neste sentido, 40% dos professores da escola municipal e 10% da estadual destacam estar preparados para prevenir ou controlar possíveis situações de *bullying* entre os alunos, e 10% da escola estadual não estão preparados (Tabela 2). Ainda, de acordo com a resposta da questão aberta do questionário, da professora de Português da escola estadual, quando ocorre alguma situação de *bullying*, por exemplo,

“Procuro envolver outros profissionais da escola (orientadora, supervisão) para contribuir na resolução dos casos” (professora de Português da escola estadual).

Tabela 2 - Percentagem das respostas dos questionários sobre o *bullying*

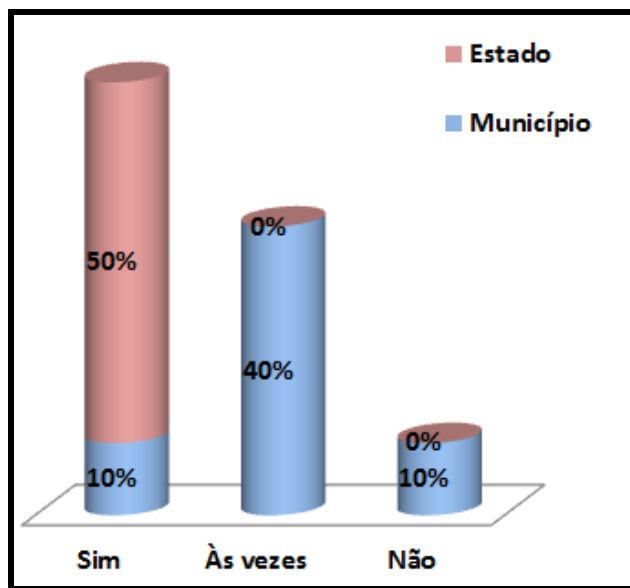
PERGUNTA	ESTADO			MUNICÍPIO		
	Sim	Não	Às vezes	Sim	Não	Às vezes
Estás preparado para prevenir ou controlar possíveis situações de <i>bullying</i> ?	10%	10%	30%	40%		10%
Atitudes do professor influenciam na ocorrência de <i>bullying</i> em sala de aula?	30%	10%	10%	10%	10%	30%
A escola está preparada para intervir nos casos de <i>bullying</i> ?	30%		20%	40%		10%

Fonte: elaborada pela autora



Diversos estudos enfatizam a incidência de casos de *bullying* no âmbito escolar (Abramavay *et al.* (2002), Lopes Neto e Saavedra (2003), Fante (2005, 2009), Lopes Neto (2005), Silva (2010), entre outros). Fato corroborado com os dados dos questionários, os quais indicam que todos os professores já presenciaram casos de *bullying* entre os alunos, sendo que a maioria dos casos de *bullying* aconteceu (acontece) na sua sala de aula e 10% dos professores da escola municipal não presenciaram (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Percentual de casos de *bullying* presenciados pelos professores em sala de aula



Fonte: elaborado pela autora

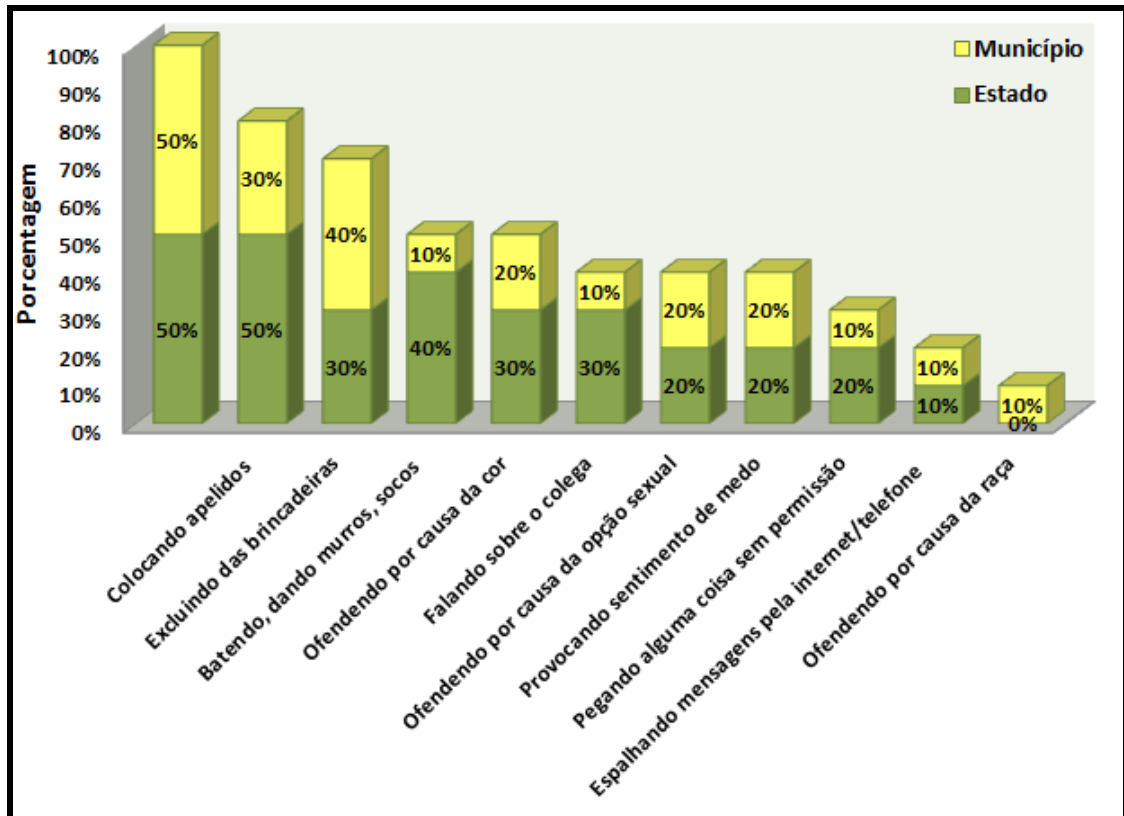
Silva *et al.* (2013) destacam que 81% dos professores entrevistados responderam que já ocorreu ou ocorre o *bullying* na escola onde eles trabalham e apenas 19% responderam que não ocorreu. Categorizado sob a forma de agressões diretas (chutes e socos), indiretas (através de ameaças) e agressões verbais (apelidos e xingamentos), sendo também associado ao racismo e ao preconceito (KIMURA, 2013).

Conforme Menegotto *et al.* (2013), a manifestação dessa violência pode mudar conforme a etapa do desenvolvimento da criança, entretanto, o tipo de violência praticada por alunos das séries iniciais costuma ser diferente e menos perigosa que aquela praticada por adolescentes.

De acordo com os dados compilados nos questionários, as formas de manifestações de *bullying* mais recorrente entre os alunos, é colocando apelidos ou nomes que não são aceitos; excluindo das brincadeiras; batendo, dando murros, socos e/ou chutes; ofendendo por causa da cor; falando sobre o colega; ofendendo por causa da opção sexual; provocando sentimento

de medo; pegando alguma coisa sem permissão; espalhando mensagens pela internet ou telefone para prejudicar o colega; ofendendo por causa da raça e excluindo por causa da religião, de acordo com o gráfico 5.

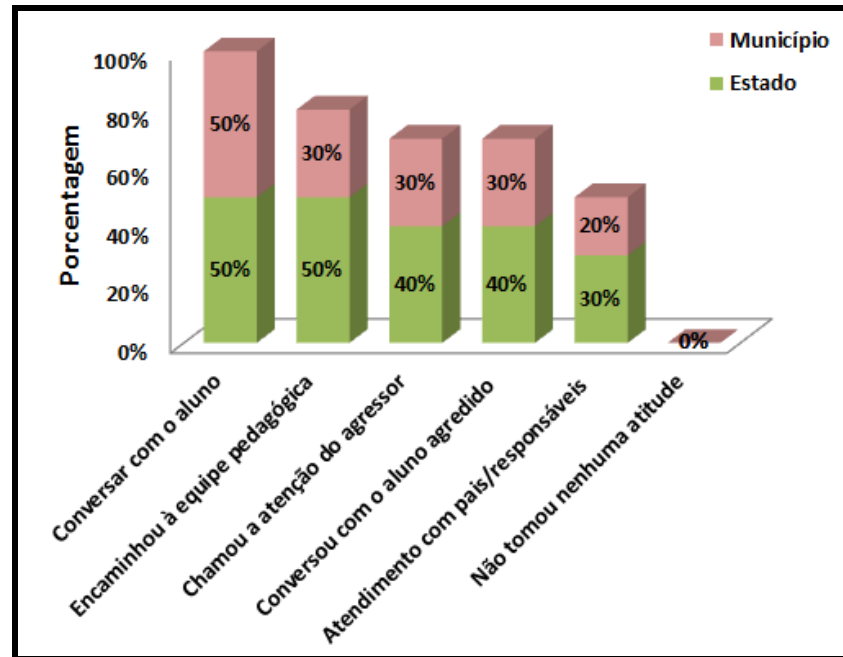
Gráfico 5 - Formas de manifestação de *bullying* entre os alunos



Fonte: elaborado pela autora

Pompéo (2015) analisou a forma mais comum de *bullying* sofrido por alunos através de entrevista com professores do Programa Especial de Formação de Professores para o Ensino Profissional da Universidade Federal de Santa Maria, constatando que as agressões do tipo gozações é a mais frequente (28,6% dos respondentes), seguida por apelidos que incomodam (17,1%) e brincadeiras que causam aborrecimento (14,3%).

Quando identificado algum caso de *bullying*, a atitude tomada pelo professor foi principalmente conversar com o aluno que agrediu para entender o motivo, encaminhar à equipe pedagógica ou à direção, chamar a atenção do agressor, conversar com o aluno que foi agredido e, em último caso, solicitar atendimento com os pais/responsáveis (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Atitude tomada pelo professor diante de casos de *Bullying*

Fonte: elaborado pela autora

Carreira (2005), em seu estudo, identificou juntamente com os professores, as ações tomadas por eles nos casos de violência. Primeiramente, a equipe de gestão escolar e os professores utilizam a punição de forma mais severa e vigia os alunos no âmbito escolar; utiliza o diálogo e a conversa, ouve os relatos dos alunos; estabelece trabalho conjunto com a família; além de promover palestras, debates e seminários sobre o *bullying*, e por fim, os temas como violência, sexo, drogas e desemprego é enfocado nas atividades interdisciplinares.

Além das atitudes tomadas imediatamente pelo professor diante dos casos de *bullying*, Chardin (2006), salienta que o professor deve estar atento à forma como faz as correções pedagógicas, evitando ridicularizar, rotular, depreciar ou mostrar preferência por alguns em relação aos outros, podendo ser um mediador das causas do *bullying*. Por isso, conhecer o que é e saber como combater o *bullying* é papel fundamental dos professores, não sendo dever somente dos pais.

Cabe neste contexto, ressaltar que todos os professores respondentes realizam (realizaram) alguma forma de intervenção, através de projetos e debates, diante dos casos de *bullying* em sala de aula. 40% dos respondentes consideram que as atitudes do professor influenciam na ocorrência de *bullying* em sala de aula (Tabela 2), principalmente quando:

“Se perde o controle” (professora de Educação Física da escola estadual),

“Não estabelece limites claros” (professora de Português da escola estadual),

“Não consegue atender todos/ displicência” (professora de Matemática da escola Municipal).

No estudo de Silva *et al.* (2013), 81% dos professores entrevistados acham que a atitude do professor realmente influencia a ocorrência de *bullying* e já realizaram alguma forma de intervenção nas aulas, já 19% acha que não influencia e por isso nunca realizou nenhum tipo de intervenção relacionado ao assunto.

Analisando o papel da escola diante dos casos de *bullying*, para a grande maioria dos professores da escola estadual e municipal, a escola está preparada para intervir nos casos de *bullying* e 30% consideram que somente às vezes (Tabela 2), pois segundo a professora de Português (escola estadual),

“É necessário agregar mais pessoas, realizar trabalhos preventivos nas turmas, criar uma organização mais eficiente nas escolas, para atuar na conscientização e também na resolução dos casos”.

Segundo Fekkes, Pijpers e Verloove-Vanhorick (*apud* LOPES NETO), “os professores devem lidar e resolver efetivamente os casos de *bullying*, enquanto as escolas devem aperfeiçoar suas técnicas de intervenção e buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social” (2005, p.170).

Segundo Silva *et al.* (2013), apenas 50% dos professores se sentem preparados para prevenir ou controlar o *bullying* entre os alunos durante as aulas e 50% dizem não estar preparados para este tipo de situação.

Com base nas informações obtidas nos questionários dos respondentes, a direção da escola, quando é comunicada dos casos de violência, preconceito, desrespeito e agressão (*bullying*), resolve o problema sem punir os culpados e/ou pune os culpados (município), conforme o gráfico 7.

Além do mais, os professores salientam que a equipe de gestão escolar também

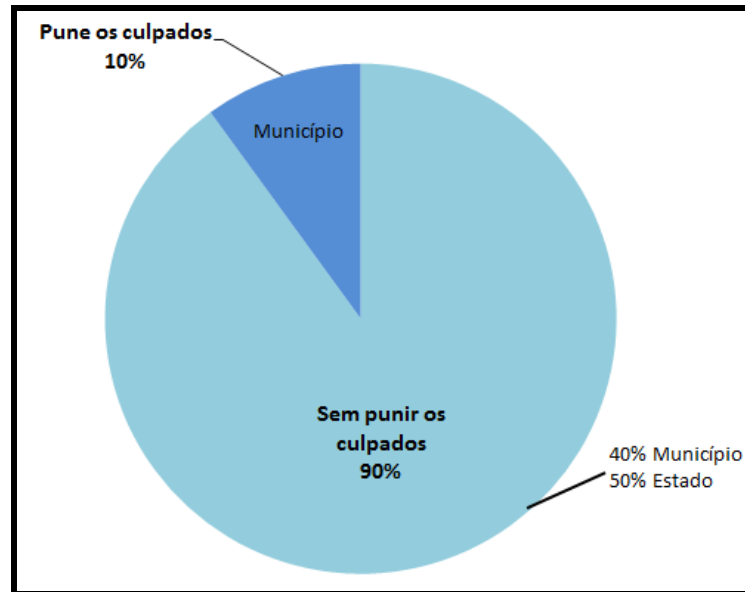
“Conversa com o aluno que provocou *bullying* e orienta a respeito” (professora de Geografia/ Escola Municipal),

“A direção procura resolver o problema dentro das normas da escola” (professora de Ciências/ Escola Municipal),

“Chama ambos os lados para verificar que circunstâncias os levaram até o ato” (professora de História/ Escola Municipal),

“A orientadora procura resolver o problema, com punição ou exige a presença dos pais” (professora Educação Física/ Escola Estadual),

“A direção procura resolver o problema, fazendo registros necessários, conversando com as pessoas envolvidas e tomando as medidas previstas no Regimento Escolar” (professora de Português/ Escola Estadual).

Gráfico 7 – Como a escola resolve os casos de *bullying*

Fonte: elaborado pela autora

Bernardini (2008) analisou as representações sociais do *bullying* elaboradas por professores de escola pública municipal situada no Estado do Rio de Janeiro e que atuam em turmas de 6º a 9º anos. Os dados mostram que os professores trabalham o tema entre os adolescentes, no entanto, se sentem impotentes diante das situações desta natureza, pois o Conselho Tutelar e o Estatuto da Criança e Adolescente os impede de tomar qualquer atitude ou desenvolver ações mais eficazes que possam acabar com o *bullying* no ambiente escolar. Fato identificado na fala da professora de Matemática (escola municipal),

“Porque não tem recursos como suspensão ou expulsão, cabe apenas à escola conversar com os envolvidos e responsáveis e no máximo encaminhamento ao Conselho Tutelar” (professora de Matemática da escola municipal).

Diferentemente dos dados compilados nesta monografia, o estudo de Bernadini e Maia (2009) destaca que os professores, quando questionados sobre qual tipo de encaminhamento poderia ser dado pela escola para prática de *bullying*, afirmam que a ausência da família e a falta de orientação aos filhos, é a causa do aumento da violência nas escolas. Ainda, de acordo com as autoras, “a escola “joga” a responsabilidade para a família e vice-versa, ambos deixam de tomar providências em torno do *bullying*” (BERNADINI, MAIA, 2009, p. 178).

Pensando no desempenho e na aprendizagem dos alunos na escola, Lopes Neto (2005, p.169) traz uma contribuição muito importante sobre o papel do professor,

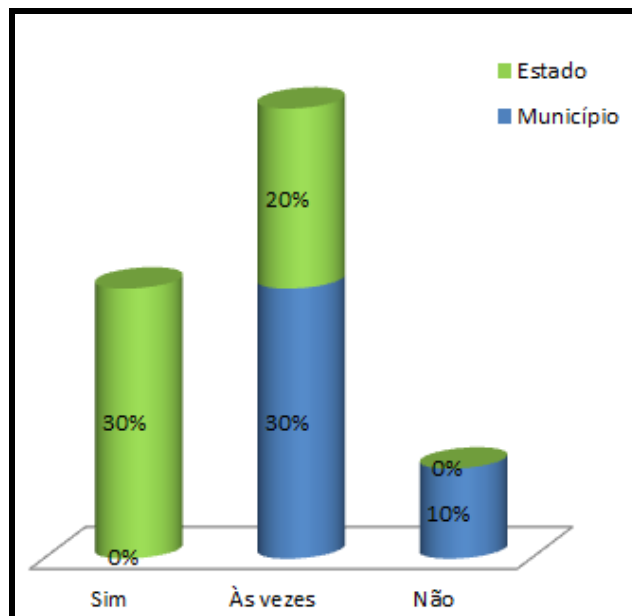
[...] avaliar o bom desempenho dos estudantes pelas notas dos testes e cumprimento das tarefas não é suficiente. Perceber e monitorar as habilidades ou possíveis dificuldades que possam ter os jovens em seu convívio social com os colegas passa a ser atitude obrigatória daqueles que assumiram a responsabilidade pela educação, saúde e segurança de seus alunos, pacientes e filhos.

Para além disso, algumas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, queda no rendimento escolar, déficit de concentração, prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a ir para a escola, trocam de colégio com frequência ou abandonam o estudo (FANTE, 2002).

Portanto, de acordo com os dados dos questionários, os professores às vezes conseguem observar baixo rendimento escolar dos alunos que sofrem *bullying* (Gráfico 8). Segundo a professora de História da escola municipal,

“Depende da criança, quem está com a auto-estima em alta, ignora” (professora de História da escola municipal).

Gráfico 8 – Percentagem de professores que observam baixo rendimento escolar dos alunos que sofrem *bullying*



Fonte: elaborado pela autora

#### 4.3 BULLYING E A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS

Com o objetivo de destacar a percepção sobre a prática e as concepções dos alunos sobre o *bullying* no contexto escolar, foram realizados dois grupos focais, com no total 20 alunos (representados por 10 alunos de cada escola participante). Cada encontro teve duração de 90 minutos. O primeiro grupo representa os alunos da escola estadual (Grupo 1) e o segundo grupo (Grupo 2), os alunos da escola municipal. Os alunos foram escolhidos a partir da sugestão dos professores e da equipe de gestão escolar das escolas analisadas que poderiam

ter algum envolvimento nos casos de *bullying*. Seus nomes não serão revelados, por isso será utilizada a seguinte denominação: A1, A2 e A3 (alunos do 6º ano), B1, B2 e B3 (alunos do 7º ano), C1 e C2 (alunos do 8º ano), D1 e D2 (alunos do 9º ano), para representarem alunos da escola estadual (Grupo 1). Para os alunos da escola municipal (Grupo 2), E1, E2 e E3 (alunos do 6º ano), F1, F2 e F3 (alunos do 7º ano), G1 e G2 (alunos do 8º ano), H1 e H2 (alunos do 9º ano), para alunos da escola municipal (Quadro 1).

De acordo os dados compilados nas fichas de reunião do grupo focal, o Grupo 1 é formado por 10 alunos que apresentam idades entre 11 e 16 anos (idade média de 14 anos), 7 alunos são do sexo masculino e 3 do sexo feminino. 7 alunos se definem na cor/etnia branco e 3 como pardos. No Grupo 2, os 10 alunos têm idades entre 11 e 15 anos (idade média de 13.1 anos), 3 alunos são do sexo masculino e 7 do sexo feminino. 8 alunos se definem na cor/etnia branco e 2 como pardos, conforme descrito no Quadro 1.

Buscou-se ainda analisar alguns aspectos relacionados à estrutura familiar, pois de acordo com a pesquisa de Oliveira *et al.* (2015), o contexto familiar pode evidenciar relação com o envolvimento em situações de *bullying* escolar. No Grupo 1 foi detectado que 7 alunos da escola estadual informaram ter mãe “muito afetuosa”, que acompanha as atividades e cobra bom comportamento e boas notas. Os outros 3 alunos declaram possuir mãe “pouco afetuosa”, que não acompanha as atividades e pouco sabe sobre o que acontece na escola. 4 respondentes da escola estadual, possuem pai “muito afetuoso”, 4 alunos possuem pai/padrasto “pouco afetuoso” e 1 aluno declara possuir pai “nada afetuoso”, sendo incapaz de compreender, faz cobranças e frequentemente ameaça, castiga ou bate (Quadro 1).

Neste sentido, vale a pena reiterar as pesquisas de Barboza *et al.* (2009), Barker *et al.* (2008), Chaux *et al.* (2009), Kouwenberg, Rieffe, Theunissen e Rooij (2012), Lee, (2011), Moon, Morash e MccLuskey (2012), Yamagata *et al.* e (2013) *apud* Oliveira *et al.* (2015), nas quais os autores destacam que geralmente os alunos que apresentaram relações menos favoráveis com seus pais, menos sentimentos de envolvimento e empatia familiar, são mais propensos a se envolverem em situações de *bullying*.

No Grupo 2, todos os alunos da escola municipal declaram possuir mãe e pai/padrasto “muito afetuosa(o)” (Quadro 1). Segundo Georgiou e Fanti (2010), Lee (2011), Ma e Bellmore (2012) *apud* Oliveira *et al.* (2015, p. 126), “as experiências positivas com pais que eram menos autoritários e em situações de menor abuso doméstico, bem como supervisão parental, maior envolvimento entre pai e filho e apego seguro com a figura materna são considerados fatores protetivos em relação ao *bullying*”.

Neste contexto, os alunos de ambos os grupos integram famílias tipicamente operárias, e vivem em famílias compostas pelo pai e mãe. Exceto 3 alunos (A2, B3 e D1) do grupo 1, afirmam morar somente com a mãe. Entretanto, é importante destacar que a aluna B3, citada anteriormente, além de morar somente com a mãe, não fez menção à figura do pai na sua ficha de reunião. 1 aluno (C2) mora com o padrasto e outros 2 alunos (A1 e B3), ambos do grupo 1, não possuem irmãos (Quadro 1). No grupo 2, 3 alunos (F1, F3 e G2) afirmam morar com o padrasto, 1 aluno (E1) mora com o pai e com avós e 3 alunos (E1, E3 e G2) não possuem irmãos (Quadro 1).

Segundo os estudos de Fu *et al.* (2013), Jansen *et al.* (2011), Sevda e Sevim (2012) *apud* OLIVEIRA *et al.* (2015), as famílias monoparentais são mais associadas ao envolvimento dos alunos com o *bullying*, tanto vítimas como agressores, devido ao menor tempo de interação entre pais-filhos e por consequência o aumento do estresse familiar. Além disso, Lopes Neto (2005, p.167) ressalta que “os aspectos relacionados à desestruturação familiar, ao relacionamento afetivo precário, ao excesso de tolerância ou de permissividade e à prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais, podem ser favoráveis ao desenvolvimento da agressividade”.



Quadro 1 – Perfil familiar dos alunos do 6º ao 9º ano da escola estadual e municipal

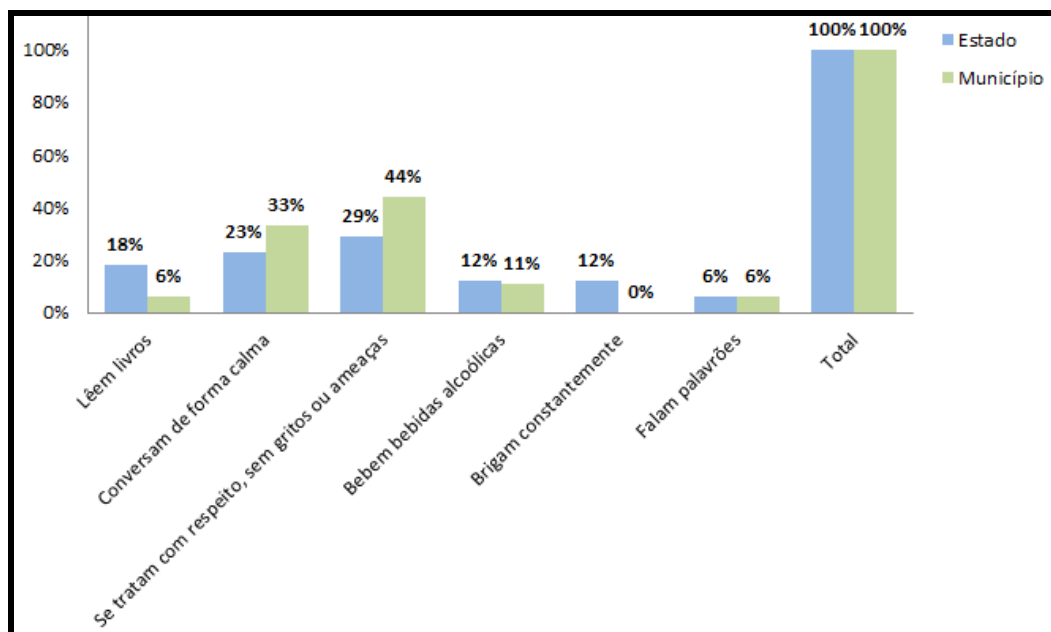
	Aluno	Idade	Gênero	Cor/Etnia	Mãe/Madrasta	Pai/Padrasto	Irmão	Amigos fora da escola	OBS.:
<b>GRUPO 1 ESTADO</b>	6º ano	A1	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Pouco afetuoso		Pouco afetuoso	Não tem irmãos
		A2	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Pouco afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Mora só com a mãe
		A3	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	
	7º ano	B1	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Pouco afetuoso	Muito afetuoso	
		B2	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
		B3	Feminino	Branco	Pouco afetuosa				Não tem irmãos e pai
	8º ano	C1	Masculino	Pardo	Pouco afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
		C2	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	Mora com o Padrasto
	9º ano	D1	Masculino	Pardo	Pouco afetuosa	Nada afetuoso	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	Mora só com a mãe
		D2	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
<b>GRUPO 2 MUNICÍPIO</b>	6º ano	E1	Masculino	Pardo	Muito afetuosa	Muito afetuoso		Muito afetuoso	Não tem irmãos e mora com o pai
		E2	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Pouco afetuoso	Muito afetuoso	
	7º ano	E3	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso		Pouco afetuoso	Não tem irmãos
		F1	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Mora com o Padrasto
		F2	Feminino	Pardo	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
	8º ano	F3	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Pouco afetuoso	Pouco afetuoso	Mora com o Padrasto
		G1	Masculino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
	9º ano	G2	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso		Muito afetuoso	Não tem irmãos e mora com padrasto
		H1	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	
		H2	Feminino	Branco	Muito afetuosa	Muito afetuoso	Muito afetuoso	Muito afetuoso	

Fonte: elaborada pela autora

Diante do exposto e de acordo com os dados compilados nas fichas de reunião e no grupo focal, não é possível afirmar a existência da relação entre estrutura familiar intacta (pai e mãe) ou monoparental (pai ou mãe) com o envolvimento dos alunos nas situações de *bullying*. Fato corroborado entre os alunos participantes, pois detectaram-se vítimas de *bullying* que possuem família intacta ou monoparental, alunos que não sofrem de *bullying* e vivem neste mesmo contexto familiar e agressores que possuem estrutura familiar composta pela figura paterna e materna. Segundo estudo de Kimura (2013) e demais pesquisas têm indicado outros fatores relevantes para a ocorrência de *bullying*. Como a falta de acesso e de oportunidades, a vulnerabilidade social que favorece o envolvimento com as drogas e a marginalização e a ausência de políticas públicas que visem garantir o bem estar social da população jovem.

Analisando o hábito familiar dos alunos participantes através da ficha de reunião do grupo focal, foi possível detectar que os integrantes do grupo 1 (escola estadual) afirmam que em suas famílias as pessoas tem o hábito de se tratarem com respeito, sem gritos ou ameaças; conversam de forma calma e lêem livros. Entretanto, houve 3 menções ao hábito familiar de consumir bebidas alcoólicas; brigar constantemente e falar palavrões (Gráfico 9). No grupo 2 (escola municipal), todos informaram que se tratam com respeito, sem gritos ou ameaças; conversam de forma calma e possuem hábitos como o de leitura de livros. 2 alunos fazem a menção ao hábito familiar de consumir bebidas alcoólicas e falar palavrões (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Hábito familiar dos alunos da escola estadual e municipal



Fonte: elaborado pela autora

Oliveira *et al.* (2015) salientam que a raiva, a irritação dos pais e o sentimento de incômodo em relação aos filhos podem refletir em frustração e modelagem de respostas emocionais voltadas para um comportamento problemático, como o *bullying*. Além disso, segundo os autores, os pais que apresentavam problemas com álcool tem risco aumentado para ter problemas interpessoais, evidenciando a associação entre o problema com o álcool dos pais e o comportamento de *bullying* dos filhos (EIDEN *et al.* 2010 *apud* OLIVEIRA *et al.* 2015).

Contudo é pertinente destacar e dar atenção especial à ficha de reunião e ao grupo focal de 7 alunos, de ambos os grupos, que são possíveis atores de *bullying*, conforme descritos a seguir:

**A1** - É aluno do 6º ano da escola estadual. O mesmo afirma ter amigos “pouco afetuosos” e já foi incomodado na escola, bateram e chutaram de propósito; atiraram pedra pra machucar; gritaram e riram ou humilharam. O aluno gosta de estudar na escola e também dos professores, contudo, pelos relatos é uma vítima de *bullying*, pois já teve vontade de não ir para escola e inclusive relata que pretendia trocar de turma e de turno de aula.

“Eu queria ir para a turma da tarde, só que daí meu pai disse que não, porque o motivo não era tanto, pra isso” (A1, 6º ano da escola estadual).

Questionado sobre o motivo, o mesmo destaca que foi no 4º ano, durante o recreio, enquanto jogava futebol.

“apareceram os grandes e me derrubaram e me chutaram” (A1, 6º ano da escola estadual).

**A2** – Aluno do 6º ano da escola estadual. Mora somente com a mãe, que é muito afetuosa e tem o hábito de conversar de forma calma. Pelos relatos também é uma possível vítima de *bullying*, pois já foi agarrado ou empurrado com força; bateram e chutaram de propósito; gritaram e riram ou humilharam e foi ameaçado na ida ou volta da escola. O aluno destaca que gosta de estudar na escola por causa dos amigos e porque são os mesmos colegas desde o 1º ano. Contudo, segundo o relato do mesmo, já teve vontade de ficar em casa devido a uma situação que aconteceu no 3º ano.

“Já deu vontade de ficar em casa. Falaram mal de mim pelas costas e eu não estava sabendo, era um amigo meu... eu estava pensando é melhor eu não ir, porque tô vendo que vai dar errado, eu ia brigar” (A2, 6º ano da escola estadual).

**B3** - É aluna do 7º ano da escola estadual e apresenta defasagem de idade/série. Mora só com a mãe que é pouco afetuosa e tem o hábito de beber e brigar constantemente. A aluna destaca que gosta de estudar na escola, contudo, já foi incomodada, agarraram e empurraram com força; atiraram pedra pra machucar e riram ou humilharam. Segundo seu relato,

“Quando acontece isso, fico na minha, mas é muito chato” (B3, 7º ano da escola estadual).

Para além disso, através do grupo focal com a aluna, percebe-se a falta de interesse pelo estudo, pois a mesma destaca que no ano que vem (2017) vai fazer passar a cursar a modalidade de Educação de Jovens e Adultos para terminar logo o 8º e o 9º ano, para poder cursar o ensino médio. Provavelmente, a mesma se sente incomodada pelo fato de ser mais velha (está com 15 anos) em relação aos colegas, sofrendo com o *bullying*.

**D1** - É aluno do 9º ano da escola estadual. Mora somente com a mãe que é pouco afetuosa e briga constantemente. Importante destacar que o aluno, após o início da reunião do grupo focal comentou,

“Escolheu as pessoas certas para conversar sobre esse assunto” (D1, 9º ano da escola estadual).

Questionado sobre o porquê, o mesmo destacou que não gosta muito de ir para a escola, pois já foi incomodado, agarrado ou empurrado com força; bateram e chutaram de propósito; machucaram com instrumento pontiagudo; atiraram pedra para machucar; teve material danificado ou roubado por colega; sofreu ameaça de agressão, gritaram e riram ou humilharam.

**D2** - Também é aluno do 9º ano da escola estadual. Mora com o pai e a mãe que são muito afetuosos, mas tem o hábito de beber e falar palavrões. Pelos relatos é mais uma vítima de *bullying*, pois considera os amigos “pouco afetuosos” e já foi agarrado ou empurrado com força; bateram e chutaram de propósito; machucaram com instrumento pontiagudo; atiraram pedra para machucar; teve material danificado ou roubado por colega; sofreu ameaça de agressão, gritaram e riram ou humilharam. Quando questionado se já sofreu alguma forma de violência na escola e não contou, o mesmo relatou que

“Sim. Aconteceu no 6º ano. Quando colocaram o pé na minha frente e os joelhos ficaram roxos. Isso aconteceu antes da aula” (D2, 9º ano da escola estadual).

**G1** - Aluno do 8º ano da escola municipal. Seus pais são “muito afetuosos” e se relaciona muito bem com os amigos fora e dentro da escola. Durante a conversa no grupo focal, o mesmo relatou a ocorrência de uma situação de *bullying* na sala-de-aula entre duas alunas. Segundo ele, uma é muito estranha e a outra se exclui dos colegas. Questionado sobre o que acontecia, o mesmo destacou que são feitas piadinhas.

“A gente ri muito dela porque quando tem uma opinião óbvia, a resposta é essa, mas ela fala a mesma resposta com outras palavras. Ela é muito estranha” (G1, 8º ano da escola municipal).

Além do mais,

“Desde pequena essa pessoa é assim, ri dos outros, é o jeito dela, tem gente que já se acostumou, ela avisa as pessoas... ela sempre faz piadinhas” (G1/ 9º ano da escola municipal).

**G2** - Aluna do 8º ano da escola municipal. Seus pais são “muito afetuosos”, mas tem certa dificuldade em se relacionar com os colegas, por causa do seu jeito. Conforme seu relato,

“Gosto de fazer piadinhas, esse é meu jeito, eu sou assim. Posso fazer uma brincadeira que não irão gostar, mas é meu jeito de ser” (G2, 8º ano da escola municipal).

Os dois grupos focais foram realizados de forma independente em cada escola participante com os alunos do 6º ao 9º ano. Contudo é importante destacar que os alunos se sentiram bem durante a reunião, sem medo de ser reprimido por algum colega mais velho. Além disso, prontamente conversaram sobre os temas propostos e relataram os problemas ocorridos na escola, entre elas as situações de *bullying* escolar.

Considerando os relatos anteriores, Calhau (2010) destaca que os problemas envolvendo o *bullying* podem ser herdados dos pais ou de parentes próximos. Além do mais, outros fatores contribuem para a ocorrência de casos de *bullying*, como a vulnerabilidade de cada indivíduo, o ambiente externo, as questões psicológicas e o estresse prolongado. Por exemplo, influência familiar (modelos autoritários e repressores); ambiente familiar super protetor (a criança se tornará dependente de outros); relação negativa com os pais (falta de interesse pelo filho); má educação; fatores econômicos, sociais e culturais; influência de colegas e as relações de desigualdade e de poder existentes no ambiente escolar.

Neste contexto, o *bullying* ocorre na escola estadual e na municipal em proporção similar. Além disso, não se observou diferença significativa entre o sexo dos envolvidos, fato corroborado na pesquisa de Rolim (2008) e nos estudos de Malta *et al.* (2010), que demonstram que meninos são os mais envolvidos em casos de *bullying* (6,0%) do que meninas (4,8%) e não há diferença no índice de ocorrência entre escolas públicas e privadas.

Durante a conversa com os estudantes nos grupos focais, o que mais chama a atenção e de fato algo preocupante, é que os alunos não sabem fazer distinção entre o *bullying* e a brincadeira. As causas do *bullying*, segundo relatos, está relacionado com,

“Falar mal e rir dos outros por causa do corpo” (A2, 6º ano da escola estadual).

“Por causa da raça” (F2, 7º ano da escola municipal).

“Se acham melhor do que os outros” (G1, 8º ano da escola municipal).

“Também por causa do cabelo” (B2, 7º ano da escola estadual).

A troca de palavrões, gozações, apelidos e piadinhas é algo normal para eles, e ocorre em todos os momentos (dentro da sala de aula, no recreio, no início e final da aula), considerado uma brincadeira “saudável”, principalmente, nas turmas de 6º ano, de ambas as escolas. Além do mais, os alunos destacam que já estão acostumados com essa forma de comunicação, pois sempre foi falado assim e porque estudam juntos na mesma sala e turma desde o 1º ano. Camacho (2001) e Paula e Nunes (2012) reiteram que a falta de conhecimento sobre o tema, pode fazer com que o *bullying* seja confundido como brincadeira, como “normal”, própria da adolescência, mas deve ser eliminado para não estimular a violência e agressão.

Diante do exposto, analisando as fichas de reunião e os grupos focais, é importante reiterar que não foi possível detectar os agressores dos casos de *bullying*, somente as vítimas e possíveis espectadores. No entanto, conforme o relato dos alunos ficou explícito nas duas escolas, que quando ocorrem situações de *bullying*, as meninas ficam na sua, quietas num canto e outras choram, enquanto que os meninos querem brigar e bater. Outros não fazem nada ou pedem ajuda para algum adulto da escola.

“... Ai, eu fico na minha” (B2, 7º ano da escola estadual).

“Eu fico quieta num canto e às vezes até choro” (E3, 6º ano da escola municipal).

“Quando acontece isso, eu choro” (F3, 7º ano da escola municipal).

“... Eu quero brigar, bater nele” (B1, 6º ano da escola estadual).

“Eu também quero bater neles...” (E1, 6º ano da escola municipal).

“Eu não faço nada, saio de perto” (G2, 8º ano da escola municipal).

“Vou falar para (orientadora pedagógica) na secretaria” (H1, 9º ano da escola municipal).

Diante destas situações, os resultados vêm ao encontro das pesquisas de Pereira (2004), Lopes (2005) e Almeida (2008). Os autores destacam que o tipo de agressão usada nas situações de *bullying* varia com a idade e com o sexo. Os meninos geralmente utilizam agressões físicas e verbais, ou seja, usam mais a provocação e a violência física e psicológica. As meninas adotam mais as agressões indiretas usando o social e o psicológico, através de ofensas, de humilhação e de disseminação de rumores geradores de exclusão social. Fato corroborado nos grupos focais deste estudo.

De acordo com as informações compiladas nos grupos focais, os alunos destacam que quando ocorre violência na escola, os locais mais comuns para a ocorrência são a sala de aula, o pátio e fora da escola, pois não há observação de algum adulto. Rolim (2008) avaliou a

mesma questão em sua pesquisa e verificou que a violência ocorre com mais recorrência na saída da escola (21%), no pátio durante o recreio (18%) e na sala de aula com o professor (12%).

Ainda, segundo os alunos das duas escolas, quando ocorrem casos de *bullying*, o professor chama a atenção dos envolvidos ou manda para a orientadora pedagógica que conversa com os alunos e os pais. No entanto, a aluna (A3) da escola estadual destaca que a orientadora pedagógica pune os envolvidos, transferindo-os para outra sala ou deixando-os sem educação física. Sobre essa última forma de punição, a aluna (A3) comenta:

“Eles acham que resolve tirando nossa educação física, mas não” (A3, 6º ano da escola estadual).

De forma geral, foi detectado que a violência no âmbito escolar dificilmente ocorre. Segundo os relatos de uma aluna da escola estadual,

“Numa época tinha bastante, mas esse ano não, porque entrou muita gente da escola que fechou (particular) e eles se achavam...” (A3, 6º ano da escola estadual).

Contudo, nos grupos focais, os estudantes salientam que a equipe de gestão escolar e os professores agem corretamente nos casos de *bullying*, mas confirmam a necessidade de chamar mais a atenção dos alunos envolvidos e realizar um trabalho mais efetivo para que os casos sejam resolvidos de fato.

## 5 CONCLUSÃO

A análise dos resultados deste estudo indicou que de fato ocorrem casos de violência e *bullying* entre os alunos do 6º ao 9º ano, nas duas escolas participantes (estadual e municipal). Isso ocorre em situações bem pontuais, como brigas dentro da escola e ameaças contra colegas muitas vezes com desentendimentos iniciados fora da escola; depredação escolar; além de xingamentos, apelidos, palavrões e agressões físicas. No entanto, os resultados demonstram que alunos não sabem a diferença entre *bullying* e brincadeira, pois consideram a troca de palavrões, gozações, apelidos e piadinhas que acontecem dentro da sala de aula, no recreio, no início e final da aula, algo normal.

Diante do exposto, percebe-se a preocupação da equipe de gestão escolar, dos professores e da sociedade, em tomar algumas medidas e buscarem soluções capazes de combater ou prevenir os casos de *bullying*. E para além disso, é de suma importância, que a equipe de gestão escolar e professores, prestem mais atenção às piadinhas ou brincadeiras ditas “normais” pelos alunos. Pois estas, muitas vezes podem gerar situações de *bullying*, devido sua recorrência, e não é dada a devida atenção, pelo fato de fazerem parte do cotidiano escolar e devido à falta de conhecimento de todos (equipe de gestão escolar, professores e alunos).

Entretanto, é necessário o aprofundamento do conhecimento sobre o *bullying*, para além dos cursos, palestras e formações pedagógicas que participam e envolver toda a comunidade escolar nesse processo. Assim, a equipe de gestão escolar e os professores poderão de sentir mais preparados e comprometidos para trabalhar e discutir o tema e os motivos nas disciplinas, além de realizar atividades e dinâmicas que objetivem o bom relacionamento entre os alunos e o respeito à diferentes culturas, conscientização dos alunos sobre os problemas decorrentes das situações de *bullying*, realizar atividades nas turmas e com toda a escola, para minimizar a sua ocorrência no âmbito escolar.

Cabe ressaltar que ambas as escolas estudadas (municipal e estadual) não possuem projeto específico sobre o *bullying*, mas realizam reuniões pedagógicas semanais e reflexões, pois têm consciência das implicações do *bullying* no dia a dia dos alunos e no processo de aprendizagem, para todos os atores da prática. Entretanto, segundo os integrantes da equipe de gestão escolar, é necessário a participação mais ativa da família de forma que cumpram o que é combinado na escola, para juntos minimizarem os casos de *bullying*.

Os docentes já ouviram falar ou leram algo sobre o *bullying* e adquiriram conhecimento nas formações pedagógicas, através da mídia, nos cursos e palestras, na



universidade, conversando na escola e através de pesquisas e artigos. Mas, ainda é fundamental os professores aperfeiçoarem-se e manterem-se informados constantemente sobre o assunto, por mais que, de acordo com a pesquisa, são poucos os professores que não têm informação suficiente e não se sinta preparado para prevenir ou controlar as situações de *bullying* no âmbito escolar.

Os casos de *bullying* acontecem na sua sala de aula, segundo os professores, manifestando-se na forma de apelidos ou nomes que não são aceitos, excluindo colegas das brincadeiras, batendo, dando murros, socos e/ou chutes, ofendendo por causa da cor, falando sobre o colega, ofendendo por causa da orientação sexual, provocando sentimento de medo, pegando alguma coisa sem permissão, espalhando mensagens pela internet ou telefone para prejudicar o colega e excluindo por causa da religião. Diante destas situações, o professor conversa com o aluno que agrediu para entender o motivo, encaminha à equipe pedagógica ou direção, chama a atenção do agressor, conversa com o aluno que foi agredido e em último caso, solicita o atendimento com os pais/responsáveis, além de realizarem formas de intervenção, pois consideram que o *bullying* afeta o desempenho e a aprendizagem dos alunos na escola e suas atitudes também influenciam na ocorrência de casos.

Conforme relato de uma aluna, a equipe de gestão escolar da escola estadual tem por hábito punir os envolvidos em casos de *bullying*, transferindo-os para outra sala ou deixando-os sem educação física. Portanto, punir não é o caminho para resolver a situação. Ou seja, não adianta privar os alunos das atividades que gostam (aula de educação física), pois esse tipo de atitude estimula a violência, agressão e outras situações de *bullying*. É necessário conversar com os alunos e promover o entendimento e o respeito entre os diferentes.

Os professores têm dificuldade em identificar as formas de violência que ocorrem nas escolas e muitas vezes não se dão conta que também estão envolvidos na situação. Por isso, deve haver um trabalho voltado aos professores, auxiliando-os na identificação, na solução e orientação nos casos de *bullying*.

Neste contexto, a equipe de gestão escolar desempenha um papel importante no desenvolvimento social dos alunos no âmbito escolar e na sociedade. Portanto, os profissionais precisam estar atentos a qualquer situação de *bullying* que ocorrem no cotidiano escolar. Realizar um trabalho efetivo com toda a comunidade escolar, desde os anos iniciais do ensino fundamental, com auxílio de material de apoio (cartaz, folder, vídeos, artigos, palestras, teatro, contação de histórias), objetivando mostrar as diferenças de cada situação e as consequências dessas práticas na vida das outras pessoas. Além disso, é interessante estabelecer regras bem definidas contra o *bullying* no Projeto Político Pedagógico da escola e

que seja de conhecimento de todos. A equipe de gestão escolar pode propor o desenvolvimento de um trabalho de intervenção, de acompanhamento e de prevenção no currículo, pensando na possibilidade de introduzir os temas como disciplina na rotina escolar e estimular o diálogo e a comunicação entre alunos, professores, escola e comunidade, para findar as situações de *bullying* escolar.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Entrevista**. Dialogia. São Paulo, v. 5, p. 15-22, 2006.
- ABRAMOVAY, M. *et al.* **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.
- ABRAMOVAY, M.; RUAS, M. G. **Violência nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ABRÁPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência. 2005. **Programa de Redução do comportamento agressivo entre estudantes**. Disponível em: <[www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br)>. Acesso em: 28 out. 2015.
- ADORNO, S. **A socialização incompleta**: os jovens delinquentes expulsos da escola. Cadernos de Pesquisa, nº 79, p. 76-80, 1991.
- ALLIPRANDINI; P. M. Z.; SODRÉ, G. C. Contribuições da produção científica para o diagnóstico, prevenção e intervenção junto ao *bullying* no contexto escolar. **Revista Cocar**. Belém/Pará, v. 8, n.16, p. 25-37. ago. 2014.
- ALMEIDA, A. M. T. **Bullying**: teoria, investigação e programas de intervenção. Trabalho apresentado no Curso de *Bullying*: teoria, investigação e programas de intervenção, Florianópolis. 2008.
- ALMEIDA, K. L., SILVA. A. C., CAMPOS, J. S. Importância da identificação precoce da ocorrência do *bullying*: uma revisão de literatura. **Revista Pediatria**. v.9, n.1, p. 8-16. 2008.
- BANDEIRA, C. de M.; HUTZ, C. S. **As implicações do bullying na autoestima de adolescentes**. Revista Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, V. 14, n. 1, p. 131-138. 2010. Disponível em: <<http://abrapee.files.wordpress.com/2012/02/14-1.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2015.
- BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERNARDINI, C. H. Representações sociais de *bullying* por professores. 2008, 80F. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Estácio de Sá/Rio de Janeiro. 2008.
- BERNARDINI, C. H.; MAIA, H. **Representações sociais de professores sobre o bullying**. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XI, v. 16, n. 17, p. 169-182, dez. 2009.
- BOULTON, M. J. e SMITH, P. K. **Bully victim problems in middle-school children**: stability, self-perceived competence, peer perceptions and peer acceptance. 1994.
- BRASIL. Presidência da República. **Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. “ECA”. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1990. Disponível em: <<http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/legislacao/outras/ECA%20ATUALIZADO-%202012%20-%20versao%202012.pdf/view>>. Acesso em: 28 out. 2015.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/legis/default/shtm>>. Acesso em: 28 out. 2015.

CALBO, A. S. *et al.* **Bullying na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares**. Contextos Clínicos, v. 2, n. 2, p. 73-80. 2009.

CALHAU, L. B. **Bullying: o que você precisa saber**. Rio de Janeiro: Impetus, 2010.

CAMACHO, L. M. Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa. São Paulo, n. 1, v. 27, p. 123-140, jun. 2001.

CAMPOS, H. R.; JORGE, S. D. C. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa**. Em Aberto, v. 23, n. 83, p. 107-128. 2010.

CANDAU, V. M. **Escola, inclusão social e diferenças culturais**. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012. Junqueira E Marin Editores, Livro 1. p 182 – 193. 2012a.

CANDAU, V. M. *et al.* **Escola e violência**. Rio de Janeiro/RJ: DP&A, 1999.

CANDAU, V. M. F. **Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos**. Educação e Sociologia, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.

CANDAU, V. M. **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/11/candau-reinventar-a-escola.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

CARREIRA, D. B. X. **Violência nas escolas. qual o papel da gestão?**, 2005. 22 f. Dissertação (Mestrado em Política e Administração Educacional), Universidade Católica de Brasília/DF, 2005. Disponível em: <<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/828/1/Debora%20Bianca.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

CASTIGLIONI, V. L. B. **Edição especial: Desafios da gestão escolar**. Ano XXI, Boletim 17, Nov. 2011.

CATINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. 206 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica, Campinas. São Paulo, 2004.

CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.

CHARDIN, T. O papel cognitivo e social da sensibilidade. In: ASSMANN, H.; CHAVES W. M. **Fenômeno bullying e a educação física escolar**. Encontro fluminense de educação física escolar, v. 10, Anais, Niterói: UFF, 2006.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão\***. Sociologias, Porto Alegre, Ano 4, n. 8, p. 432 – 443. 2002.

CHRISPINO, Á.; CHRISPINO, R. **Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar**. São Paulo, Editora Biruta, 2002.

COLOVINI, C. E. e COSTA, M. R. N. **O fenômeno *bullying* na percepção dos professores.** Guaíba: Ulbra, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. ***Bullying*: projeto justiça nas escolas.** Cartilha 2010. Disponível em <[http://www.cnj.jus.br/images/Justica\\_nas\\_escolas/cartilha\\_web.pdf](http://www.cnj.jus.br/images/Justica_nas_escolas/cartilha_web.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2016.

CONSTANTINI, A. ***Bullying*: como combatê-lo? Prevenir e evitar a violência entre jovens.** São Paulo, Editora Itália Nova. 2004.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: Edusc, 1999.

DANI, L. S. C. **A relação pedagógica e suas imbricações na construção da personalidade moral.** 2003. 228f. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação Sociológica*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial. p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades.** IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira. Belo Horizonte, MG: Ed. PUC-Minas, p. 448. 2011.

DIETRICH, P.; LOISON, M.; ROUPNEL, M. Articular as abordagens qualitativa e quantitativa. IN.: PAUGAM, Serge (Coord.). **A pesquisa sociológica.** Petrópolis: Vozes, 2015. (Cap. 10, p.171-182).

DIÓGENES, G. Grupos identitários e fragmentação social: a violência como “marca”. In: SANTOS, J. V. T. dos (Org). **Violência em tempo de globalização.** São Paulo: Hicitec, p. 165. 1999.

DIORIO, P. L. e OLIVEIRA, R. D. A intervenção psicopedagógica nas relações **interpessoais entre os alunos:** uma pesquisa sobre o *bullying* na escola de ensino fundamental de Cachoeira de Itapemirim. **Revista Científica Indexada Linkania Júnior**, v. 1, n. 1, p. 2-30. 2011.

DOURADO, L. F. A escolha de dirigentes escolares: políticas e gestão da educação no Brasil. In: FERREIRA, NAURA S. CARAPETO (Org). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 2013.p.95 -118.

DOURADO, L. F. **Políticas e gestão da Educação básica no Brasil: Limites e perspectivas.** *Educação e Sociedade*, Campinas, vol.28, n. 100 – Especial. p. 921-946, out. 2007.

FANTE, C. A. Z. **O fenômeno *bullying* e as suas consequências psicológicas.** 2002.

FANTE, C. **Fenômeno *bullying*:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª edição, Campinas, Ed. Versus, p. 1-224, 2005.

FANTE, C. **Fenômeno *Bullying*:** estratégias de intervenção e prevenção da violência entre escolares. São José do Rio Preto: Ativa. 2003.

FERREIRA, N. S. C. A gestão da Educação e as políticas de formação de profissionais da Educação: desafios e compromissos. In: FERREIRA, NAURA S. CARAPETO.(Org). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2013.p.119-140.

FODDY, W. **Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários**. Oeiras: Celta Editora. 2002. (Cap. 10, 141-208).

FRANCISCO, M. V.; LIBÓRIO, R.M. C, **Um estudo entre escolares no ensino fundamental**. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 22, n.2, p. 200-207. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722009000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722009000200005)>. Acesso em: 12 Jul. 2016.

FREIRE, I. P. *et al.* O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico — um questionário aferido para a população escolar portuguesa. **Revista Portuguesa de Educação**, 2006, n. 19, v. 2, p. 157-183. 2006.

FREIRE, A. N.; e AIRES, J. S. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *Bullying*. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo. v. 16, n. 1, p. 55-60, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Editora Vozes, 27ª edição, p. 1 - 288. 1987.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber, Livro Editora, 2005.

GISI, M. L. Políticas de formação de professores e a ocorrência do *bullying* nas escolas de educação básica. In: GISI, M. L; ENS, R. E. **Bullying nas escolas: estratégias de intervenção e formação de professores**. Ijuí, Editora Unijuí, 2011.

GOMES, A. E. G.; REZENDE, L. K. **Reflexões sobre bullying na realidade brasileira utilizando a técnica de análise de conteúdo: revisão bibliográfica**. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 11, n. 1, p. 112-119. 2011.

GOMES, P. B. **Bullying: um desafio para nossas escolas**. **Revista Querubim**, v. 14, p. 1-11. 2011.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Revista Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v.12, n. 24, p. 149-161. 2003.

GUIMARÃES, Á. M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. Campinas/SP. Editora Autores Associados, 1996.

HARRIS, S. e PETRIE, G. **A studying of bullying in the middle school**. NASSP Bulletin, v. 86, n. 633, p. 42-53. 2002.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTÁTISTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde Escolar**. 2009. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>>. Acesso em: 12 Jul. 2016.

IFAGNER, F. C. de A. **A intolerância ao diferente: o problema do *bullying* escolar.** Tese de doutorado, Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. São Paulo. p 1-38, 2014.

KIMURA, P. R. DE O. **Representações sociais de alunas do ensino fundamental sobre o *bullying*.** 2013. 225p. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação - Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará/Pará. 2013.

KRAWCZYK, N. **A gestão escolar: um campo minado: análise das propostas de 11 municípios brasileiros.** Educação & Sociedade, Campinas, ano XX, n. 67, p. 112-149, ago. 1999.

KUHN, Q. L., LYRA, L. R., e TOSI, P. C. S. ***Bullying* em contextos escolares.** Unoesc e Ciência - ACHS, v. 2, n. 1, p. 49-62, jan./jun. 2011.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico.** 14<sup>a</sup> ed. de Barros Laraia. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. 2001.117 p.

LEÃO, G. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola... 2011. In.: DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades.** IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira. Belo Horizonte, MG: Ed. PUC-Minas, p. 448. 2011.

LEÃO, L. G. R. O Fenômeno *Bullying* no ambiente escolar. **Revista FACEVV**, Vila Velha, N. 4, p. 119-135, 2010.

LIBANEO, J. C. OLIVEIRA, J. F DE; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização.** São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNIO, J. C. **Organização e Gestão da escola: teoria e prática.** Goiânia: Alternativa, p. 266-286, 2004.

LIMA, C. C., *et al.* ***Bullying* na percepção da equipe técnica das escolas estaduais de Criciúma - SC.** Interlink, v. 2, n. 2, p. 69-84. 2011.

LOPES, A.A.N. ***Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal Pediatria. Rio de Janeiro. 2005.

LOPES NETO, A. A. ***Bullying*: comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, v. 81, p. 164-172. 2005.

LOPES NETO, A. A. ***Bullying*: saber identificar e como prevenir.** São Paulo, Brasiliense, p. 120. 2011.

LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L. H. **Diga não para o *bullying*.** Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro, ABRÁPIA. 2003.

LOPES, C.S.; GASPARIN, J.L. **Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente.** Acta Scientiarum: Human and Social Sciences, Maringá, v.25, n.2, p.295-304, 2003.

LÜCK, H. **Dimensões da gestão escolar e suas competências.** Curitiba, Editora Positivo, 2009.

LÜCK, H. **Liderança em gestão escolar**. Rio de Janeiro, Vozes, Série Cadernos de Gestão; v. 4. 6ª ed. 2010.

LÜCK, H. **Perspectivas da gestão escolar e implicações quanto à formação de seus gestores**. Em aberto, Brasília, v. 17, n. 72, p. 11-33, fev./jun. 2000.

MALTA, D. C. *et al.* **Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE)**, 2009. Ciênc. saúde coletiva [online]. v. 15, p.v3065-3076. 2010.

MARTINS, M. J. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados**. Revista Portuguesa de Educação, v. 18, n. 1, p. 93-05, 2005.

MASCARENHAS, S. **Gestão do bullying e qualidade do bem estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia)**. 2006. In I. LEAL, J. Pais-Ribeiro, & S. Jesus (Eds.), Actas 6º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Saúde e qualidade de vida (p. 109-110). Lisboa: ISPA. 2006.

MENEGOTTO, *et. al.*, **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos**. **Revista Psicologia, Teoria e Prática**, v. 15, São Paulo/ SP, p. 203-215, 2013.

MONTEIRO, L. **Bullying: para combater é preciso reconhecer que ele existe**. Entrevista concedida à jornalista Danielle Bittencourt. 2008. Disponível em: <[http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id\\_article=312&var\\_recherche=bullying](http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=312&var_recherche=bullying)>. Acesso em: 13 dez. 2015.

MOREIRA, A. F. B. Currículo, diferença cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade: Revista quadrimestral de Ciências da Educação/ Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES)**, n. 79, 2002.

MOURA, D. R. CRUZ, A. C. N.; QUEVEDO, L. A. **Prevalência e características de escolares vítimas de bullying**. **Jornal de Pediatria**, v. 87. N. 1, p. 19 -23, 2011.

MUNOZ, M. A. D. **Educar para a paz: Comportamentos pró-sociais**. 2011. 364 f. Tese (Doutorado) – Faculdade Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. **Violência na escola: identificando pistas para a prevenção**. **Interface - Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-134, 2003.

NOGUEIRA, R. M. C. P. A. **A Prática de Violência entre Pares: O Bullying nas Escolas**. **Revista Iberoamericana de Educación**. Nº 37, p. 93-102, 2005.

OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA. Coordenação - NIPIAC/UFRJ. **Bullying: o que todos precisam saber sobre bullying**. Sonia Borges Cardoso de Oliveira e Lucia Rabello de Castro. 2008. Disponível em: <<http://observatoriocrianca.org.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

OLIVEIRA, W. A. & COLS. **Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática**. **Psico-USF, Bragança Paulista**, v. 20, n. 1, p. 121-132, jan./abr. 2015.

PAULA, M. G. de; NUNES, M. de L. **A ação do supervisor escolar mediante o bullying: novos paradigmas**. 2012. Disponível em:



<<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/33-pos-grad.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

PEDRA, J. A.; FANTE, C. **Bullying escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PEREIRA, S. M. de S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

PEREIRA, B. O. *et al.* **Bullying in Portuguese schools**. School Psychology International, v. 25, n. 2, p. 207-222. 2004.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. **Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 138, p. 995-1018. 2009.

POMPÉO, W. A. H. Gestão pública escolar e a necessidade de combate e prevenção do *bullying* diante da possibilidade de responsabilização de professores e instituições de ensino. **Regae: Revista de Gestão e Avaliação Educacional**. Santa Maria v. 4 n. p. 25-46, jun. 2015.

RIBEIRO, M. V.; SANTOS, J. C.; PAIVA, I. T. P. **A diversidade cultural no espaço escolar: superação, respeito às diferenças sociais, culturais e étnicas**. 2014. Disponível em: <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade\\_1datahora\\_09\\_06\\_2014\\_19\\_52\\_33\\_idinscrito\\_708\\_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_06_2014_19_52_33_idinscrito_708_1067d8790b483749fa4bb0549f212c92.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2016.

ROLIM, M. **Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. 174 f. 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

SALGADO, G. M. **O bullying como prática de desrespeito social: Um estudo sobre a dificuldade lidar com o bullying escolar no contexto do Direito**. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 79, 2010, p. 1-15. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=8172](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8172)>. Acesso em: 10 set. 2016.

SAMPAIO, J. M. C., *et al.* **Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos**. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 344-52, Jun. 2015.

SILVA A.P. *et al.* **Bullying: o papel do professor de educação física**. p. 19, 2013. Disponível em: <[http://www.fea.br/Revista%20Ciencia%20Dinamica/artigos/14\\_01\\_2013\\_11\\_48\\_48\\_tcc\\_montado.pdf](http://www.fea.br/Revista%20Ciencia%20Dinamica/artigos/14_01_2013_11_48_48_tcc_montado.pdf)>. Acesso em: 19/11/2016.

SILVA, A. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro, Objetiva. p. 187, 2010.

SILVA, G. de J. **Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso**. Disponível em: <<http://www.mundojovem.com.br/bullying.php>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

SILVA, M. A.; PEREIRA, B. A violência como fator de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. In: BONITO, Jorge (Org.). **Educação para a saúde no século XXI: teorias, modelos e práticas**. Évora: CIEP, 2008.

SILVA, S. A. da. **Intolerância e violência**: o desrespeito ao lugar do outro. Departamento de Educação. 2011. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio\\_resumo2011/Relatorios/CTCH/EDU/EDU-S%C3%B3stenes%20Alberto%20da%20Silva.pdf](http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2011/Relatorios/CTCH/EDU/EDU-S%C3%B3stenes%20Alberto%20da%20Silva.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2016.

SÓ, S. L. **Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção**. 33 f. 2010. Monografia, Curso de Especialização em Psicologia Escolar - Universidade do Rio Grande do Sul. 33 f. 2010.

SPOSITO, M. P. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 104, p. 58-75, 1998.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 1, p.187-103, 2001.

STREEP, M.; SCHWARTZBERG, L. **Disney nature: Wings of life** (Blu-ray Combo Pack/ DVD). Abril, 2013.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 3ª ed. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **Até quando: bullying** na escola que prega a inclusão. Educação, v. 35, n. 3, p. 449-464. 2010.

TONDATO, M. P. **Capítulo 1: Cultura, Ideologia, Hegemonia e Violência** na construção de significados. Tese (Doutorado), Escola de Comunicações e Artes. USP. 2004, p. 9-45. Disponível em: <<https://www.google.com.br/#q=tondato+cultura+ideologia+hegemonia+>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

TORO, G. R. R. *et al.* **Bullying, o exercício da violência no contexto escolar**: reflexões sobre um sintoma social. Psicologia: Teoria e Prática, v. 12, n. 1, p. 123-137. 2010.

TORTORELLI, M. F. P. *et al.* **Correlações entre a percepção da violência familiar e o relato de violência na escola entre alunos da cidade de São Paulo**. Psicologia: Teoria e Prática, v. 12, n. 1, p. 32-42. 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa em ciências sociais: o positivismo, a fenomenologia e o marxismo. IN.: TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. (Cap. 2, p. 30-74 e Cap. 4, p. 91-115).

URRESTI, M. Adolescentes, jóvenes y socialización: entre resistencias, tensiones y emergências. In.: p. 43-66, 2011. In.: DAYRELL, J.; MOREIRA, M. I. C.; STENGEL, M. **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. IV Simpósio Internacional sobre Juventude Brasileira. Ed. Belo Horizonte, MG: Ed. PUC-Minas, 448p. 2011.

VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. de N. Metodologias qualitativa e quantitativa. IN.: VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000. (Cap. 3, p. 34-43).

VIEIRA, P. R. Violência no meio escolar. **Revista do Ministério Público do Estado de Goiás**, v, 17, p. 59-62. 2009.

ZEQUINÃO, M. A.; MEDEIROS, P. de; PEREIRA, B.; CARDOSO, F. L. ***Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, mar. 2016.

## APÊNDICE A – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM EQUIPE DE GESTÃO ESCOLAR



---

### ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA COM EQUIPE DE GESTÃO ESCOLAR

---

- 1) Você conhece a Lei 13.185/2015? Do que se trata.
- 2) Como adquiriu conhecimento sobre *bullying*
- 3) Poderias definir o que é *bullying*?
- 4) Como você percebe a violência no âmbito de sua escola?
- 5) Teve ocorrência ou presenciastes casos de *bullying* no ambiente escolar entre os alunos do 6º ao 9º ano?
- 6) Em sua opinião, o que pode ser feito para combater a violência escolar?
- 7) Já existiu algum trabalho/projeto em sua escola com esse enfoque? Poderia descrevê-lo?
- 8) Ocorreram mudanças pedagógicas e curriculares após a aprovação da lei. Quais?
- 9) Enquanto integrante da equipe de gestão escolar, o que você propõe na resolução do *bullying*?
- 10) Causas da prática do *bullying* no ambiente escolar.
- 11) Implicações deste fenômeno no dia a dia dos alunos e no processo de aprendizagem.
- 12) Quando ocorrem casos de *bullying*, quais as medidas adotadas pela equipe gestora e o professor?

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES



### QUESTIONÁRIO COM OS PROFESSORES

1) Você é do sexo:

feminino  masculino

2) Ao longo dos últimos 12 meses, você foi:

Agredido fisicamente por algum aluno  Ameaçado por algum aluno

Provocado por algum aluno  Roubado/furtado por algum aluno

Desrespeitado por algum aluno  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

3) Você conhece algum professor nesta escola que já foi agredido, ameaçado ou humilhado por algum aluno? Se sim, marque o ano cursado.

Sim. Cursava:  6ª ano  7ª ano  8ª ano  9ª ano  Não  Outro. Qual?

\_\_\_\_\_

4) Você já ouviu falar ou leu algo sobre o *bullying*?

sim  não  às vezes  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

5) Você tem informações suficientes para atuar em uma situação de *bullying*?

sim  não  às vezes  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

6) Como adquiriu conhecimento sobre *bullying*? Marque quantas alternativas achar necessário.

mídia  nas aulas da universidade  cursos/ palestras  estágio obrigatório  formação

pedagógica na escola  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

7) A escola discute formalmente sobre este tema: *bullying*?

sim  não  às vezes  Outro. Quando? \_\_\_\_\_

8) Você já presenciou casos de *bullying* entre os alunos?

sim  não  às vezes  Outro. Quando? \_\_\_\_\_

9) Quais foram as formas de manifestação de *bullying* que você presenciou entre os alunos? Marque quantas alternativas achar necessário.

Colocando apelidos ou nomes que não são aceitos  Espalhando mensagens pela internet ou telefone para prejudicar o colega  Ofendendo por causa da cor  Ofendendo por causa da raça  Ofendendo por causa da opção sexual  Provocando sentimento de medo  Excluindo das brincadeiras  Batendo, dando murros, socos e/ou chutes  Falando sobre o colega  Pegando alguma coisa sem permissão  Outro.

Qual? \_\_\_\_\_

10) Qual a atitude que você tomou ao presenciar ocorrências de *Bullying*? Assinale quantas alternativas achar necessário.

Conversou com o aluno que agrediu para entender o motivo  Chamou a atenção do agressor  Conversou com o aluno que foi agredido  Encaminhou à equipe pedagógica ou direção  Solicitou atendimento com os pais/responsáveis  Não tomou nenhuma atitude  Outro.

Qual? \_\_\_\_\_

11) Na sua sala de aula já aconteceu (acontece) casos de *bullying*?

sim  não  às vezes  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

- 12) Você considera que as atitudes do professor influenciam na ocorrência de *bullying* em sala de aula?  
( ) sim ( ) às vezes Motivo: \_\_\_\_\_ ( ) não
- 13) A escola discute o tema *bullying* com os alunos?  
( ) sim ( ) não ( ) às vezes Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- 14) Você realiza (ou já realizou) alguma intervenção diante dos casos de *bullying* na sala de aula?  
( ) sim ( ) não ( ) às vezes Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- 15) Você, como professor, se sente preparado para prevenir ou controlar possíveis situações de *bullying* entre os alunos?  
( ) sim ( ) não ( ) às vezes Por quê? \_\_\_\_\_
- 16) Como a direção da escola lida com os casos de violência, preconceito, desrespeito e agressão (*Bullying*) entre os alunos? Marque quantas alternativas achar necessário.  
( ) Em geral a direção não fica sabendo ( ) Quando a direção fica sabendo, não toma qualquer atitude ( ) Quando sabe dos casos, a direção pune os culpados ( ) Quando sabe dos casos, a direção procura resolver o problema, mas sem punir os culpados ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_
- 17) Você considera que a escola está preparada para intervir nos casos de *bullying*?  
( ) sim ( ) não ( ) às vezes Por quê? \_\_\_\_\_
- 18) Pensando no desempenho e na aprendizagem dos alunos na escola, você observa que os alunos que sofrem com o *bullying* apresentam um baixo rendimento?  
( ) sim ( ) não ( ) às vezes
- 19) Com base no seu cotidiano escolar, você se sente bem trabalhando nesta instituição?  
( ) Sim ( ) Não ( ) Mais ou menos

## APÊNDICE C - ROTEIRO COM GRUPO FOCAL



### ROTEIRO COM GRUPO FOCAL (adaptado de ROLIM, 2008)

- 1) Você se sente bem na escola? Por quê?
  - Em geral, em quais momentos vocês se sentem melhor na escola?
  - Gosta dos professores?
- 2) Quantos amigos de verdade você tem na sua turma/escola?
  - Vocês, em geral, conversam/se relacionam com todos os colegas durante as aulas/nos intervalos?
  - Durante as aulas acontecem “piadinhas”/ risadas de alguns colegas em relação a isso?
  - Como vocês percebem que esses colegas se sentem? Como os professores reagem a isso?
- 3) Vocês observam “piadinhas”/risadas durante os intervalos?
  - Há grupos na escola/turma que não convivem bem? Vocês fazem parte de algum desses grupos? Como isso ocorre?
- 4) Na sua escola, vocês observam os alunos costumam colocar apelidos e fazer piadas uns com os outros? Como são as reações em relação a isso? O que acontece quando alguém se sente incomodado?
- 5) Alguém já te incomodou na escola?
  - agarrou ou empurrou com força;
  - bateu ou chutou de propósito;
  - machucou com algum instrumento pontiagudo;
  - atirou pedra para te machucar;
  - agressão física, sendo necessário curativo ou médico;
  - algum material teu foi danificado ou roubado por colega;
  - sofreu ameaça de agressão;
  - gritou contigo;
  - rui de ti ou humilhou, fazendo você passar vergonha;
  - foi ameaçado na ida ou volta da escola;
  - discriminado pela cor ou raça;
- 6) Você sabe o que é o *bullying*?
- 7) Quando enfrenta algum problema sério na escola, recibes ajuda de adulto?
- 8) Quando alguém faz algo errado, o que acontece? O que os professores/direção fazem?
- 9) Quando acontece violência (briga) na escola, qual o local mais comum?
- 10) Você já deixou de ir pra aula por medo de agressão, humilhação ou desrespeito.
- 11) Já sofreu violência na escola e não contou? Conhece alguém/colega?
- 12) Se tiver algum colega sendo empurrado ou agredido por outro colega mais forte, o que você faz?

**13)** Como você percebe a violência no âmbito da escola?

**14)** A direção da escola faz o que? Acha que a direção e os professores agem corretamente nestes casos?



## APÊNDICE D - FICHA DE REUNIÃO COM GRUPO FOCAL



### FICHA DE REUNIÃO COM GRUPO FOCAL

(adaptado de ROLIM, 2008)

- 1) Eu sou do sexo: ( ) feminino ( ) masculino
- 2) Eu tenho \_\_\_\_\_ anos.
- 3) Você se define de qual cor/etnia: ( ) branco ( ) pardo ( ) negro ( ) amarelo  
( ) Outro: Qual: \_\_\_\_\_
- 4) Estou estudando no \_\_\_\_\_ ano.
- 5) A profissão do meu pai é: \_\_\_\_\_.
- 6) A profissão da minha mãe é: \_\_\_\_\_.
- 7) Em minha família, as pessoas tem o hábito de:
  - ( ) Ler livros.
  - ( ) Conversar de forma calma
  - ( ) Se tratar com respeito, sem gritos ou ameaças.
  - ( ) Beber bebidas alcoólicas.
  - ( ) Brigar constantemente.
  - ( ) Falar palavrões.
- 8) Meu pai/padrasto é uma pessoa:
  - ( ) Muito afetuoso, que me acompanha em várias atividades e me cobra um bom comportamento e notas boas na escola
  - ( ) Pouco afetuoso, que não tem tempo de me acompanhar em atividades e pouco sabe sobre o que acontece na escola
  - ( ) Nada afetuoso, incapaz de me compreender, mas me cobra muito e frequentemente me ameaça, castiga ou me bate.
- 9) Minha mãe/madrasta é uma pessoa:
  - ( ) Muito afetuosa, que me acompanha em várias atividades e me cobra bom comportamento e notas boas na escola
  - ( ) Pouco afetuosa, que não tem tempo de me acompanhar em atividades e pouco sabe sobre o que acontece na escola
  - ( ) Nada afetuosa, incapaz de me compreender, mas me cobra muito e frequentemente me ameaça, castiga ou me bate.
- 10) Como é o comportamento/relação com seus irmãos?
  - ( ) Muito afetuoso, me acompanham em várias atividades
  - ( ) Pouco afetuoso, não tem tempo de me acompanhar em atividades
  - ( ) Nada afetuoso, incapaz de me compreender

**11)** Como é o comportamento/relação com seus amigos fora da escola.

- ( ) Muito afetuoso, me acompanham em várias atividades
- ( ) Pouco afetuoso, não tem tempo de me acompanhar em atividades
- ( ) Nada afetuoso, incapaz de me compreender

**12)** Em minha casa moram (indique o grau de parentesco):

- |          |          |
|----------|----------|
| 1- _____ | 4- _____ |
| 2- _____ | 5- _____ |
| 3- _____ | 6- _____ |

## ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO I

Pesquisadora: Carine von Mühlen

Curso de Especialização em Gestão Escolar – IFRS/*Campus Feliz*

Prof<sup>a</sup> Dra. Vanessa Petró

Título da pesquisa: **A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**, que se refere a um projeto de pesquisa do curso **Especialização em Gestão Escolar** – IFRS da aluna **Carine von Mühlen**, orientada pela Prof<sup>a</sup>. **Dra. Vanessa Petró**, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. O objetivo deste estudo é a conclusão no curso de especialização. Sua forma de participação consiste em responder a uma entrevista. Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para conclusão no curso de especialização. Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que você poderá se recusar a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

**Li e compreendi este termo de consentimento, portanto, concordo em participar como voluntário da pesquisa: -----**

Sim  Não

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Assinatura do entrevistado



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO II

---

Pesquisadora: Carine von Mühlen

Curso de Especialização em Gestão Escolar – IFRS/*Campus Feliz*

Prof<sup>ª</sup> Dra. Vanessa Petró

Título da pesquisa: **A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**

Gostaríamos de convidar este estabelecimento de ensino a participar como voluntário da pesquisa intitulada **A PROBLEMÁTICA DO *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR: UM DESAFIO PARA A GESTÃO ESCOLAR**, que se refere a um projeto de pesquisa do curso **Especialização em Gestão Escolar** – IFRS da aluna **Carine von Mühlen**, orientada pela Prof<sup>ª</sup>. **Dra. Vanessa Petró**, vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. O objetivo deste estudo é a conclusão no curso de especialização. Sua forma de participação consiste em autorizar que sejam desenvolvidas atividades e realizadas entrevistas com os estudantes de uma turma e com alguns professores. O nome da escola não será utilizado em qualquer fase da pesquisa o que garante seu anonimato. Não será cobrado nada; não haverá gastos nem riscos na sua participação neste estudo; não estão previstos ressarcimentos ou indenizações; não haverá benefícios imediatos na sua participação. Os resultados contribuirão para uma melhor compreensão do acesso e da permanência na Educação de Jovens e adultos. Gostaríamos de deixar claro que a participação da escola é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

**Li e compreendi este termo de consentimento, portanto, concordo em dar o consentimento para que esta escola participe como voluntário da pesquisa:**

( ) Sim ( ) Não

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome da escola: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pela escola: \_\_\_\_\_